

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Christina Manço Cury

Recasamento e filhos adolescentes: um estilo de vida em negociação

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Christina Manço Cury

Recasamento e filhos adolescentes: um estilo de vida em negociação

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, na área de Família e Comunidade, sob a orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

SÃO PAULO

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Dissertação / Cury, Christina Manço.

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Núcleo de Família e Comunidade.

Título: “Recasamento e filhos adolescentes: um estilo de vida em negociação”.

Autor: Christina Manço Cury.

E-mail: christinamc@terra.com.br

RG: 9 578 961

Orientador: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

Número de páginas: 105

Data de entrega do arquivo à Secretaria: 31/03/2008.

Data de defesa:

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória de vida sempre foi acompanhada do prazer de aprender, do pensar, do diálogo entre as pessoas de meu convívio. E assim, muito cedo fui estimulada para a curiosidade e interesse por nossas histórias de família, que tanto me ajudaram em minha formação como pessoa, colaborando para a visão de mundo que tenho hoje. O valor do “aprender” é um valor que herdei do ambiente cotidiano de meus pais, tios e avós: *aprender o novo para ensinar e, ensinar para aprender de novo*. Foi com esse princípio que somei às outras experiências que vieram depois, de estar entre pessoas que igualmente respeito, como meus Mestres, que com muito carinho me ajudaram a construir e ampliar meus conhecimentos, aos participantes dessa pesquisa, parentes, colegas e amigos. São muitas as pessoas que comigo se envolveram e colaboraram para a elaboração de meus estudos, a quem devo agradecer.

Aos participantes dessa pesquisa, que generosamente contribuíram ao ceder informações íntimas de suas famílias de convívio, contribuindo para o conhecimento do tema proposto, por meio das narrativas de suas próprias histórias de vidas.

Ao Edison, meu companheiro e marido, que com amor e carinho tanto me incentivou e me amparou, não permitindo que as maiores dificuldades de nossas vidas impedissem de eu realizar meu sonho acadêmico, com visão de que a vida se impõe com fé e dedicação.

À Ana, minha enteada, que com paciência me ajudou a pensar por meio de seu olhar de adolescente a entender e traduzir melhor a linguagem própria de seu convívio naquele momento.

Ao “Tutuli”, meu filho do coração, que me ensinou a ser cuidadora, a descobrir o mundo infantil na relação íntima construída dia a dia, na confiança mútua em compartilhar essa nova experiência.

Em especial aos meus pais, que em minha ausência colaboraram muito em manter meu vínculo junto à PUC, identificados com a vida acadêmica.

Aos meus colegas e amigos: Rita, Canello, Lurdinha, Liz, Lene, e Marly, que me apoiaram e acreditaram em meu trabalho.

Aos queridos Mestres e Doutores, em quem pude me espelhar para crescer como acadêmica.

À Banca Examinadora a quem confio a dedicação e competência desta tarefa tão importante de minha vida.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que com especial atenção cuidou de minha formação acadêmica com excelência e ética.

À minha querida Mestra e Orientadora, Ceneide Maria de Oliveira Cervený: com você eu pude crescer, sair da fantasia da “Alice na sala dos espelhos”, para melhor entender a linguagem do Novo Paradigma da Ciência. Pela sua colaboração inestimável para transformar subjetivamente o caminho de minha própria vida em conhecimento e tema de meus estudos. Sou muito grata a você, pelo seu valor humano, dedicação e encorajamento.

Ao Roberto e Walda,
meus pais, modelos de vida, com quem com amor e respeito, aprendi a construir a
pessoa que hoje sou.

Ao Edison, meu companheiro,
com quem aprendo novas formas de (con)viver no amar.

“O emocional em cuja conservação se constitui o humano ao surgir a linguagem, se centra no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, isto é, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência.”

Humberto Maturana.

SUMÁRIO

Resumo	p. 11
Abstract	p. 12
Introdução	p. 13
Capítulo I	
A FAMÍLIA COMO SISTEMA.....	P.21
Capítulo II	
CASAMENTO, DIVÓRCIO E RECASAMENTO....	p. 26
Capítulo III	
PARENTALIDADE.....	p. 34
Capítulo IV	
PADRÕES FAMILIARES: COMUNICAÇÃO, REGRAS E LEALDADES.....	p. 40
Capítulo V	
O ADOLESCENTE NA FAMÍLIA RECASADA.....	p. 51
Capítulo VI	
MÉTODO.....	p. 58
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	p. 65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 78

ANEXOS	p. 82
ENTREVISTA I.....	p. 82
ENTREVISTA II.....	p. 92
ENTREVISTA III.....	p. 98
TÉRMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	p. 105

RESUMO

Neste trabalho procuramos investigar as relações familiares nos recasamentos sob o olhar dos filhos adolescentes. O aumento de divórcios e recasamentos nessa fase do ciclo vital, assim como a escassez de pesquisas com essa população nos instigaram a investigar o problema por meio de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso. O estudo foi feito na cidade de Santos, com a participação de três jovens, usando para coleta de dados a entrevista semi-estruturada e o Genograma da família. Foram investigados os padrões de comunicação, regras e lealdades como categorias desse estudo, com a finalidade de se conhecer seus significados e a maneira pela qual a família recasada em convívio atual os negociavam na concepção do adolescente. Os resultados mostraram que a família recasada com filhos adolescentes possui um estilo de vida próprio e particular, no qual todos os componentes em convívio compartilham de conflitos equivalentes, buscando formas de vida alternativas para a evolução e preservação de seus integrantes.

Palavras-chave: Recasamento – adolescentes - comunicação – regras – lealdades.

ABSTRACT

In this work, we investigated family relationships in remarriages through the eyes of adolescent children. The rise in the number of divorces and remarriages during this period of life, as well as the shortage of research within this population, led us to investigate the problem through a qualitative research outlined with a case study. The study was made in Santos, with the participation of three youngsters, using semi-structured interviews and the Genograms of the family for data gathering.

Patterns of communication, rules and loyalty were investigated as categories for this study, with the objective of understanding their meanings and the way in which the remarried family negotiated them in the view of the adolescent.

The results showed that remarried families with adolescent children have a particular style of life, characterized by this particular moment, in which all the members living together shared similar conflicts, but who sought through the remarriage, alternatives to the evolution and protection of its members.

UNITERMS: remarriage, adolescent, communication, rules, loyalty

INTRODUÇÃO

Existem muitos estudos recentes envolvendo a problemática de separações, divórcios e recasamentos. Muito ainda tem que se investigar a respeito desse assunto, historicamente tão recente em nosso contexto social contemporâneo, pois as modalidades de intervenção e contenção psicológica para esses casos não são suficientes. É necessário aprimorar conceitos, identificar variáveis, pesquisar mais sobre nupcialidade e construção familiar, cruzar dados e interpreta-los qualitativamente, pois os profissionais brasileiros ainda se deparam com insuficiência de informações para trabalhar com o tema.

A Constituição Brasileira de 1988 considera legítima a situação de famílias em novas estruturas de casamento, recasamento, família e filhos.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o conceito de **casamento** no Brasil é entendido como a relação entre homem e mulher, cuja legalidade pode ser civil ou religiosa. Se o casamento for civil, reconhecida por lei, o indivíduo só poderá realiza-lo se solteiro, viúvo ou divorciado.

O IBGE define por **divórcio** a separação entre o casal, dando o direito às partes de nova união por casamento civil, religioso e/ou outras cláusulas, conforme a legislação de cada país.

Em 28 de junho de 1977, a emenda Constitucional no. 9, que institui legalmente o divórcio no Brasil por meio da lei 6 515/77, o regulamenta.

Desde a regulamentação do divórcio no Brasil foi possível se conhecer os índices de nupcialidade, através do registro civil de casamentos entre solteiros, divorciados e entre divorciados recasados. Embora tenha havido essa mensuração, para alguns pesquisadores e demógrafos ainda não existem dados suficientes para qualificar tantos novos arranjos familiares.

Por meio dos indicadores sociais “on line” do IBGE, Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílio (PNADs) e o Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), pode-se constatar que em 2004 foram realizados 806.968

casamentos no Brasil, 7,7% mais do que 2003. Desde 2001 vem aumentando esse índice. Dos casamentos realizados em 2004, em 86,4% das vezes ambos os cônjuges eram solteiros, percentual ligeiramente inferior do que 2003 (86,9%). Há dez anos atrás, o índice entre solteiros era de 91,7%, observando-se uma redução de 5,8%. Pode-se também constatar, com esses resultados, que cresceram as uniões entre solteiros com divorciados por meio do casamento. Considerou-se nessa mensuração a influência em vários estados brasileiros da legalização de uniões através de parceria entre prefeituras e a Igreja Católica e outras religiões, que promovem casamentos coletivos. Em média, no Brasil, os casamentos duram 11,5 anos. No norte do país, a tendência do casamento é de menor duração, cerca de 8,8 a 9,8 anos, enquanto na região sul a duração dos casamentos é de 12,7 a 13 anos.

No Brasil, em 2005, foram realizados 828.164 casamentos, 78.341 separações judiciais e 108.209 divórcios diretos. Na região sudeste foram realizados 407.015 casamentos, 48.627 separações judiciais e 47.308 divórcios diretos. No estado de São Paulo foram realizados 226.161 casamentos, 33.437 separações judiciais e 24.791 divórcios diretos. No município de Santos, estado de São Paulo, com área de 280 Km², contexto onde foi realizada esta pesquisa com as famílias residentes, os casamentos realizados foram 1.987, as separações judiciais foram de 393 e os divórcios diretos foram de 471.

A população investigada neste trabalho, por amostra de conveniência, é da cidade de Santos, Estado de São Paulo. O município de Santos, segundo o Censo de 2000, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2001, era de 417 983 habitantes. Em 1998, a população era de 412 mil habitantes, fazendo-se notar um significativo decréscimo populacional de 4 mil habitantes com relação ao o Censo de 1991. Considerando a representação percentual do Estado, Santos ocupava 1,31% aproximadamente do total da população do Estado de São Paulo, no ano de 1998. A cidade de Santos, no entanto, vem se caracterizando, desde sua colonização, por uma flutuação populacional marcada principalmente por momentos de crises econômicas e políticas. No entanto, podemos observar, apesar das instabilidades de várias ordens no plano municipal, que a população estimada em 2006 era de 418 375 habitantes fixos (2/07/2006), o que nos faz refletir e abrir possibilidades para aprofundamento de futuras investigações para as mudanças das características populacionais, econômicas e de saúde.

O município de Santos foi fundado como cidade em 26 de janeiro de 1839, derivada da condição de Vila elevada por Brás Cubas entre os anos de 1545 e 1547. Concentra uma população de origem de imigrantes portugueses em sua maioria, estabelecida no séc. XVI e XVII; espanhóis, que dominaram entre 1580 e 1640 estabeleceram-se nessa época; italianos, que vieram colonizar o Brasil no final do séc. XIX e início do séc. XX, seguida de japoneses no ano de 1907; tivemos ainda negros africanos, índios e mamelucos (Frigério, A. M. G.; Andrade, W. T. F.; Oliveira, Y. F.,1992). Caracteriza-se também por ser atualmente uma população de migrantes de todo país, principalmente da Região Nordeste. Possui importância histórica na colonização brasileira, além de ser uma cidade portuária. Em tempos de auge econômico, principalmente no mercado do café, teve destaque nacional e internacional. O porto, em suas atividades, ainda concentra grande parte do mercado de trabalho de importação e exportação, As indústrias petrolíferas e do aço estão localizadas em municípios vizinhos. A economia atual está decadente, em virtude de grandes transtornos e transformações econômicas do País no final do século XX, as oportunidades de trabalho portuário, industrial e prestações de serviços se escassearam, afetando gravemente a renda familiar, a economia do município e a expectativa de qualidade de vida. Porém, hoje vislumbra a esperança de progresso em todos os setores da economia e desenvolvimento social condicionada à exploração de petróleo e gás da Bacia de Santos. A população hoje se caracteriza em grande parte por aposentados e idosos, sendo que a população jovem e produtiva pouco cria oportunidades de emprego e renda. Grande parte dela migra para outras regiões do Estado de São Paulo, principalmente a capital, e para outros Estados do País.

O panorama geral da cidade de Santos, acima descrito, mostra algumas características superficiais. O campo para estudos e pesquisas científicas é vasto e praticamente inexplorado, principalmente quanto ao que se refere ao conhecimento da relação parental no recasamento e á participação dos adolescentes em famílias reconstituídas, considerando seu contexto econômico e sócio cultural. Esta proposta de pesquisa visa conhecer melhor os atuais padrões da família contemporânea santista em seu movimento de transformação, ao mesmo tempo que se propõe a acrescentar dados a respeito dos estudos da família no estado de São Paulo.

Souza (1997) faz algumas conjecturas sobre a mudança do significado do casamento e das expectativas dos indivíduos em relação a ele. Algumas conseqüências apontadas pela autora são:

um número cada vez maior de pessoas que se separam, enquanto casais permanecerão unidos na função parental e um número cada vez maior de crianças viverá em famílias monoparentais e, novamente casadas, afastadas (pouco, muito ou definitivamente) do pai ou mãe biológico e convivendo ou não com um novo cônjuge dos pais, a família de origem e outros filhos deste, os irmãos e irmãs destas possíveis novas uniões, além de todas idas e vindas desta reconstituição da vida afetiva parental. (p. 35)

A transformação da família decorre em duas direções mutuamente relacionadas: mudanças estruturais (demográficas) e mudanças ideológicas, no que se refere a um ideal igualitário de relacionamento.

Segundo Carneiro (1998), a qualidade de vínculo estabelecido na família é que revela a sua competência, e não o fato de os cônjuges serem casados, separados ou recasados. Tanto na situação de casamento como na de separação, o fator mais importante para o desenvolvimento dos filhos é a qualidade de relação estabelecida entre toda família. A separação demanda a reestruturação dos padrões vigentes, onde há um período de transição para uma nova organização.

Nesse momento surgem algumas preocupações. Aparece o interesse de conhecer a família no âmbito da negociação de padrões de transmissão e na condição de sua organização estrutural e de relacionamento, por sua responsabilidade na formação social primária. As possibilidades de reprodução de modelos e as novas concepções de padrões co-construídos pelo grupo familiar atual deverão ser conhecidos a partir de experiências anteriores dos cônjuges, dos filhos desses casamentos ou de famílias anteriores e dos filhos da atual família, sob o ponto de vista do adolescente dessa família. Ao mesmo tempo, a família nessa nova organização está se adaptando e construindo seus valores referenciais de continuidade.

A família legalizada pelo casamento tradicional, centrada no modelo patriarcal do século XIX, transformou-se no decorrer do século XX e marcou uma nova era no final do século, junto ao movimento da Pós-Modernidade. Na sociedade do primeiro mundo e na dos brasileiros, os padrões até então herdados de uma geração para outra foram contestados por manifestações de comportamentos individuais conflitantes e, ao mesmo tempo, inovadores. A família, em seu

movimento sistêmico com a sociedade, respondeu à demanda de transformação social, afastando-se dos modelos mais rígidos. Veio criando espaços na tentativa de se adaptar às condições velozes de mudanças de valores sociais do mundo globalizado. Decorrente a esse fato, a família, em seu processo de interação, percepção e adaptação, busca uma reorganização de seus conceitos de cuidados, mesmo que derivado do modelo tradicional conjugal. Frente a essa realidade, referencia-se em novos padrões de casamento, família e parentalidade.

De acordo com Cerveny e Berthoud (1997), o casal da família com filhos adolescentes em geral está próximos à meia idade, e passa a rever aspectos de suas próprias adolescências. Concomitante a essa situação, os cuidados para com os seus próprios pais e sogros passam a fazer parte de seu cotidiano, no que se refere à saúde e, às vezes, à sua manutenção financeira. Acrescenta-se a esse fato, as dificuldades de lidar com as diferenças e mudanças velozes de padrões culturais e sociais em tempo de globalização.

Mc Goldrick e Carter (2001), quando se referem a famílias com filhos adolescentes, apontam para a necessidade de flexibilização dos limites entre as gerações, para a adaptação familiar nesse contexto, visando promover a independência dos filhos. O casal dessa família necessita rever seus papéis conjugais e profissionais, promover o crescimento e a autonomia dos filhos dentro e fora da família, além de cuidar de seus próprios parentes idosos.

A fase da adolescência é marcada pelo rápido crescimento físico e sexual do ser humano. A necessidade de afirmar uma identidade e independência familiar são expectativas sociais que muitas vezes se conflituam com a expectativa da família, da escola, dos amigos ou dos parâmetros que se propagam como *comportamento ideal* para o adolescente. Estratégias antigas adotadas pelos pais nem sempre são adequadas, embora alguns possam tentar mantê-las. Por vezes, para se evitar conflitos, alguns pais não questionam seus filhos, ou por vezes os negam. É comum em situações como essas, os adolescentes buscarem amparo em exemplos de outras famílias ou recorrerem a seus avós.

Diante desse contexto, há de se pensar na situação de recasamento de cônjuges, cujas histórias são marcadas por uniões anteriores e por filhos dessas antigas uniões; em como criam seu novo contexto sócio-cultural, considerando a

construção e a negociação de seus novos padrões familiares através do olhar do filho adolescente que convive em domicílio com o recasamento de seus pais.

Ao refletir a respeito de minha experiência clínica em consultório e em supervisões desenvolvidas em minha carreira docente, atendendo casos de famílias em contextos de recasamento, veio-me a curiosidade em explorar mais as condições em que essas famílias convivem nos dias atuais, considerando as mudanças de padrões necessárias para adaptação de todo grupo à nova realidade e os conflitos dele derivados, narrados pela experiência vivida do adolescente filho dos cônjuges recasados.

As mudanças sociais ocorreram de maneira veloz nos últimos 30 anos. Trouxeram um novo olhar para questões antes conhecidas como tradicionais já esperadas pela família, como o casamento formal e religioso entre homem e mulher ao atingir uma determinada idade; a geração de filhos na família nuclear recém constituída; papéis e funções familiares bem estabelecidas; as expectativas de carreiras tradicionais para a formação dos filhos, como médico, advogado e engenheiro, eventualmente um padre. Apesar disso, ainda nos dias atuais, o casamento é uma atitude esperada como “para sempre” em nossa cultura.

A separação ou o divórcio como alternativas para os casais que não mais compartilham de seus valores e afetos por meio da convivência conjugal tem crescido muito nas últimas décadas no Brasil e no mundo. Contudo, mesmo sendo essa a melhor opção para a solução de seus problemas, o casal, os filhos e a família extensa vivem dolorosamente a experiência, que os marca para o resto de suas vidas, gerando muitas vezes conflitos que nem sempre são superados, trazendo dificuldades de adaptação em seus novos contextos e dificultando a possibilidade de recasamento e reconstituição familiar.

Para os filhos do casal que se separa, mesmo que já consigam racionalmente entender que essa seria a melhor saída para a sobrevivência e prevenção de maiores danos à família, principalmente os emocionais, a dificuldade de integrarem esse processo em suas vidas é geradora de sofrimentos e conflitos.

Existem dúvidas e angústias para a família que se separa, compartilhadas por todos os seus integrantes, quanto ao que se espera a respeito da sobrevivência material e afetiva, sem mencionar o grau de vínculo biológico, de papéis e funções como compromisso de cuidados.

Por vezes, superada ou não essa fase, da maneira como foi possível ser vivida, um dos pais ou ambos, em algum momento, se recasam. Podem então surgir novas preocupações com relação à nova composição familiar, com a entrada de uma nova pessoa na família. Em geral, pude perceber, na minha experiência clínica, que quanto mais cedo a criança se integra à nova composição familiar, maior a possibilidade de adaptação, negociação e construção de novos padrões. Em contrapartida, na fase adolescente dos filhos dos cônjuges recasados, a flexibilidade para a negociação de padrões como comunicação, regras e vínculos de lealdades ficam mais difíceis e os conflitos mais evidentes.

O medo, a insegurança e a apreensão são formas de expressão emocional comuns, presentes nas histórias de famílias que viveram separações e eventualmente o recasamento nessa fase. As perdas e as frustrações acompanham a trajetória dessas famílias, expressas em suas comunicações como vivências dolorosas. O adolescente dessas famílias, além de estar em fase de mudanças físicas e de identidade, compartilhou por mais tempo e eventualmente por mais vezes, como filho essa experiência supostamente sofrida.

Baseada no relato dessas experiências de vida, minha proposta, como objetivo de pesquisa, foi conhecer como o adolescente percebe a organização e negociação dos padrões de comunicação, regras e lealdades em suas famílias de domicílio, após o recasamento de seus pais. Tive a intenção de investigar o funcionamento dessas famílias, considerando a adolescência como um momento do ciclo vital, em que podem emergir muitas crises características dessa fase, mas na qual também podem surgir oportunidades para a criação de recursos para a construção de seu próprio contexto e engajamento social.

Assim, no capítulo I, mostro **A família como sistema**, referindo aos pressupostos teóricos que fundamentam e referenciam os fenômenos das relações entre indivíduos e grupos proposta pela Teoria Geral de Sistemas.

No capítulo II, **Casamento, divórcio e recasamento**, com base nas definições legais dos termos, procuro descrever a família atual em sua dinâmica e suas possibilidades de recursos de vida social.

No capítulo III, **Parentalidade**, um dos padrões de funcionamento familiar, abordo o tema fazendo uma retrospectiva histórica da família e seus laços parentais, da modernidade aos tempos atuais, estudando o significado da parentalidade em contexto de casamento, divórcio e recasamento.

No capítulo IV, **Padrões familiares no recasamento: Comunicação, Lealdade e regra familiar**, descrevo a família atual em sua organização em contexto de recasamento, com relação aos padrões de comunicação, lealdades e regras.

No capítulo V, **O adolescente na família recasada**, procuro contextualizar o adolescente em seu ciclo de vida atual, em âmbito familiar e social mais amplo, acrescido das questões implicadas em sua história de vida familiar e no recasamento de seus pais.

No capítulo V, **Método** defino a natureza da pesquisa, as questões nela levantadas e o objetivo que me propus investigar, considerando a caracterização dos participantes e o procedimento da investigação.

No capítulo VI, **A pesquisa**, relato os estudos de casos por meio de entrevistas.

No capítulo VII, **Análise dos resultados**, constato algumas situações importantes que podem contribuir para o conhecimento do funcionamento familiar com filhos adolescente e suas negociações de padrões.

Por final, nas **Considerações finais**, posso pensar a família no contexto pesquisado e as possibilidades de ampliação do conhecimento para os estudos da família de nossa região paulista.

Capítulo I

A FAMÍLIA COMO SISTEMA

A teoria geral dos sistemas, como proposta por Vasconcelos (2003), compreende-se como uma ciência da totalidade aplicável a todas as ciências que tratam de “todos organizados”.

Vasconcelos, (2003) baseou-se nos estudos de Bertalanffy (1967, 1968) para conceituar as noções de sistemas, por ele definidos como um “complexo de elementos em interação” ou “um conjunto de componentes em estado de interação”, como totalidade, organização. Ressalta ainda que:

os sistemas podem ser definidos por famílias de equações diferenciais e podem ser encontradas muitas propriedades importantes dos sistemas em casos gerais e mais especiais”. Nesse sentido, essas propriedades, referem-se a conceitos antes considerados metafísicos ou não-científicos embora sejam expressos em leis conhecidas em vários campos da ciência (p. 198).

O sistema, como entidade, pressupõe a existência de interação entre indivíduos, dependentes uns dos outros. Se não ocorrem interações entre as partes componentes de um grupo, não se pode considerar a existência de um sistema. As partes não podem ser investigadas isoladamente, se considerarmos os paradigmas analíticos da ciência que concebe o sistema e o reconhece dentro dos padrões de interações.

As relações interacionais caracterizam o sistema como um todo a partir de sua *totalidade* ou *globalidade*, onde “o todo é mais do que a soma das partes”, na Teoria Geral dos Sistemas proposta por Bertalanffy, apud. Vasconcelos. (2003, p.199).

A partir da noção de interdependência entre os elementos de um sistema, podemos conhecer como esses elementos se influenciam em suas

relações. Esse tipo de influência bidirecional foi denominada de circularidade, como propriedade dos sistemas em geral; como uma causalidade recursiva.

Na família em sua totalidade de funcionamento, sob a ótica da Teoria dos Sistemas, observa-se o comportamento de interdependência entre seus membros. Nesse sentido, o comportamento individual interfere em cada pessoa do grupo familiar e por vezes retroage, interferindo de volta no comportamento individual.

Existem alguns princípios básicos, segundo Sluzki (1997), que, ao considerar a família como sistema, podem auxiliar no entendimento dos fenômenos observados através dos vínculos interpessoais, sejam eles característicos de uma família reconstituída ou de outros tipos de constituição familiar. Contudo, é necessário ressaltar que, no nosso estudo, propusemo-nos a conhecer a família reconstituída em seu funcionamento como um sistema de relações parentais, fazendo-se uso do modelo sistêmico, pensando a família como um sistema de relações.

Considerando a família em sua função de manutenção e estabilidade grupal, entendendo-a como um sistema em processo auto-regulador, estaremos observando-a em seu processo de “homeostase”. Esse tipo de funcionamento familiar tende a proteger o sistema de desvios e mudanças. A família busca manter sua estabilidade através de determinados tipos de padrões de interação, não permitindo alterações nesses esquemas.

Quando um contexto familiar se apresenta como transformador ou mutante, mas a família se apresenta capaz de manter sua estrutura por meio dos circuitos de retroalimentação negativa, observa-se o princípio da *homeostase*.

No funcionamento da família através da *morfogênese*, o sistema familiar se identifica como um grupo adaptativo e flexível, gerando a capacidade de autotransformação e criação.

O princípio de *feedback*, como outro tipo de funcionamento familiar, pode ter a propriedade positiva ou negativa. A primeira aumenta a atividade do sistema e a segunda reivindica a correção. A principal função deste princípio é de fornecer informações e definir o relacionamento interpessoal do sistema humano.

As mudanças observadas em um comportamento do sistema familiar interferem em todos os outros componentes e assim em todo o sistema. Esse

fenômeno se processa dinamicamente e se repete sempre de maneira circular; é o chamado no princípio da *causalidade circular*.

O princípio da *não-somatividade* define-se pela constatação de um funcionamento familiar, onde qualquer sistema é maior que a soma das partes. As partes do todo não podem ser vistas isoladamente, ou ainda, somar características das partes para entender o todo. As pessoas do sistema familiar, portanto, só podem ser entendidas considerando os contextos interacionais nas quais estão inseridas. A melhor compreensão do sistema familiar em seu funcionamento só pode ocorrer se o observarmos como um todo.

A relação parental na família reconstituída demanda a necessidade de se repensar e negociar a respeito de seus modelos de valores. Esses modelos passam por um período de transição antes de encontrar uma nova fase de acomodação ou organização para maior adaptação em seu contexto de relações interpessoais.

Na proposta de se pesquisar a família recasada, quanto a sua condição de adaptação às relações parentais, foram necessárias investigações de suas histórias de vida, de sistemas de relações conjugais e familiares anteriores e de seus padrões de lealdades, regras e comunicações. Para essa proposta, Cerveny (1994), ao citar Taylor (1983), menciona a flexibilidade e elasticidade como importantes atributos das relações de parentalidade da família, ressaltando que:

o potencial para a mudança e a habilidade para criar novos valores capacita os pais a dividir com seus filhos um sentido de passado duradouro que é de certa forma conectado com o potencial para mudança no futuro".(p.44).

A nossa proposta do estudo da família como sistema, em sua variável de recasamento, foi conhecer as relações parentais dessa família sob a ótica do filho(a) adolescente que viveu o recasamento de seus pais, o funcionamento dessa família (também sob a ótica do filho) e a possível re-significação de padrões transmitidos por meio das interações entre seus componentes.

O constante desafio do exercício da parentalidade nos tempos atuais remete a família a flexibilizar seus padrões como um dos recursos para a capacidade adaptativa. Porém, nem sempre isso é possível, pois a família em sua necessidade de auto-preservação tende ao movimento homeostático, em virtude de

inúmeros fatores que acarretam a sua instabilidade, como, por exemplo, os novos padrões derivados do fenômeno da globalização.

Para entender a família em seu processo histórico, Cerveny (2002) sugere que devemos estudá-la, segundo a sua estrutura, quanto à qualidade de suas regras, definição de sua hierarquia, delineamento dos papéis de seus membros, além de outros aspectos importantes que revelam a sua estrutura, em particular a dinâmica das relações, sua etapa desenvolvimental e sua etnia. Assim podemos pensar a família como um sistema evolutivo desde o momento em que as pessoas se unem para formar esse novo sistema até o final desse ciclo familiar, que termina quando ambas as pessoas deixam de existir, como:

um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o seu início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram (p.21).

No decorrer da vida familiar, os elementos que compõem esse grupo buscam a sua diferenciação marcada pelas fases de desenvolvimento em movimento de mudança e reorganização constante, nas quais os afetos, as percepções dos papéis e funções de cada um, a dinâmica das relações e o investimento emocional são significativos. Há também a busca de conteúdos subjetivos para os indivíduos e para o sistema familiar em convívio.

Cerveny (2002) acentua que:

(...) Podemos, portanto, compreender o ciclo vital da família como etapas evolutivas do desenvolvimento da vida familiar, ou seja, fases que a família vivencia enquanto sistema, movendo-se através do tempo" (p.22).

Segundo o dicionário Aurélio (1999), "ciclo" se define como uma *"série de fenômenos que se sucedem numa ordem determinada"*. Ao se referir a *ciclo biológico* e *ciclo vital* o mesmo autor os define como um *"conjunto de etapas por que passa um determinado ser vivo, do nascimento à morte"*.

Cerveny (1997) propõe a compreensão do Ciclo Vital da Família em quatro fases: 1ª. Fase de Aquisição; 2ª. Fase Adolescente; 3ª. Fase Madura; 4ª. Fase Última.

Nesta proposta de pesquisa foi abordada a fase Adolescente da família, na qual todo o sistema relacional e pessoal está em movimento de grandes

transformações, do ponto de vista de regras, crenças e valores. Pais e filhos buscam novas formas de convívio, resignificando seus padrões de vida familiar, em que os filhos vivem a transição para a vida adulta e os pais em geral, na meia idade, revêem a sua própria adolescência, ao mesmo tempo em que se preparam para o envelhecimento, cuidando mais da aparência e da saúde.

No que se refere ao ciclo vital da família adolescente, Cerveny (1994) aponta uma dificuldade em especial: a necessidade de regular as igualdades grupais que acabam por se confrontar, com a autorização dos parentes que exercem a função de cuidadores. Somadas a esse contexto, as instabilidades econômicas, sociais e as difíceis perspectivas de engajamento profissional futuro dos filhos surgem como grandes preocupações na mente da família.

CAPÍTULO II

CASAMENTO, DIVÓRCIO E RECASAMENTO

Casamento:

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 considera legítima a situação de famílias em novas estruturas de casamento, famílias e filhos. No que diz respeito ao artigo 226, declara que "a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado".

Par. 1º.: O casamento é civil e de gratuita celebração.

Par. 2º.:O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

Par. 3º.:Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

Par. 4º.: Entende-se também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Par. 5º.:Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e mulher.

Par. 6º.: O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos.

Par. 7º.: Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado proporcionar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte das instituições oficiais ou privadas.

Par. 8º.: O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um que a integrar, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

A decisão para o casamento, na atualidade, leva em consideração não somente a atração e o amor entre os parceiros, mas objetivos de semelhanças e interesses comuns.

Apesar das mudanças das expectativas de casamento no mundo ocidental hoje, mesmo que na maioria das vezes que o casal se una de maneira formal ou informal, ainda existe um mundo de idealizações com a “cara-metade”, revelando um relacionamento conjugal baseado no romantismo. Esse modelo romântico, que referencia o casamento e a formação da família nuclear em convívio harmônico entre os pais biológicos e seus filhos, é uma representação ainda difundida pela mídia como base ideal da sociedade, mesmo que essa mesma mídia, através de sofisticados meios de comunicação em tempo real e simultâneo, também difunda histórias de vidas da atualidade com outras configurações familiares e de conjugalidade, como alternativas de convívio e formação de uma nova sociedade.

Com o passar do tempo, o amadurecimento da relação conjugal pode trazer sentimentos de frustrações e a idéia de casamento eterno se fragmenta, às vezes sem retorno.

O casamento é o resultado de um processo de conhecimento, descrito pela história do vínculo de um casal. Esse processo envolve a construção de projetos, padrões e expectativas, os quais também se estendem aos seus vínculos sociais. (Sluzki, 1997, p. 98). Apesar das transformações sociais que a vida pós-moderna impõe ao mundo e principalmente aos países industrializados, o casamento ainda possui a representação de que o casal vive uma relação possivelmente estável, explícita através de declaração pública de compromisso. Contudo, mesmo que o casamento ainda seja uma condição esperada pela maioria da população adulta, seu significado vem se transformando. O casamento não é mais uma instituição econômica, mas um compromisso afetivo, que pode amparar relacionamentos passíveis de fracassarem. Compartilhar a vida emocional de maneira democrática pode representar a aceitação de obrigações, assim como de direitos assegurados por leis, como por exemplo, a preservação e cuidado dos filhos, tanto na vida íntima da família como na vida pública e comunitária.

As mudanças de formas de conjugalidade da família, típicas da vida pós-moderna, estão se revelando cada vez mais abrangentes no mundo ocidental. As famílias tradicionais de modelo nuclear estão se modificando, cedendo lugar

outras maneiras de viver. Um dos aspectos que conduziu a isso, talvez o maior e mais importante deles, foi a liberação sexual das mulheres. As pessoas foram modificando seus papéis e funções no modo de viver individual, familiar, profissional e social. Essas mudanças transformaram a idéia e a prática do convívio da família, se nos reportarmos à vida da família tradicional, de modelo nuclear, onde era esperado o convívio entre o casal como pais biológicos e filhos. Muitas dessas mudanças, porém, podem trazer dificuldades para o casamento e o convívio familiar. O casamento passou a ter uma conotação de escolha na vida contemporânea. “O casamento é um ritual que formaliza a fusão ou *consolidação das redes anteriores* dos membros do casal.” (Sluzki, 1997, p.100, grifos nossos).

Seguindo o pensamento de Sluzki (1997), ao considerar o delineamento da história do namoro ao casamento, pode-se caracterizar o tipo de vínculo do casal e sua rede social com base nas seguintes análises:

- *Equilíbrio ou desequilíbrio*, resultante da maior ou menor tendência de inclusão dos componentes das redes sociais de ambos ou de um deles, como migração, incompatibilidade de uma das partes com a rede social anterior do companheiro ou ciúmes.

- *Integração ou separação*, como a tendência a incorporar toda nova relação compartilhada pelo casal ou a divisão, na qual o casal ou um dos parceiros preservam relações individuais.

- *Continuidade ou descontinuidade temporal*, significando o entrelaçamento das redes sociais anteriores de cada parceiro com suas novas relações ou divisão dos vínculos entre antes e depois do casamento. No que se refere à família, inclui-se neste item a escolha de participação ou não de cada um nos ritos familiares, de forma drástica ou mais democrática, podendo acontecer a criação de novos rituais de família.

Ainda de acordo com esses estudos, o autor cita que os casais tendem a estabelecer e a manter seus vínculos de acordo com a proximidade de seus ciclos de vida e interesses.

Divórcio:

A emenda Constitucional nº. 9, de 28 de junho de 1977, institui o divórcio no Brasil, por meio da lei 6.515/77. Essa lei considera legítima a situação de famílias em novas estruturas de casamento, recasamento, família e filhos.

Existem duas concepções diferentes para o entendimento do divórcio no Brasil. Uma delas refere-se à separação de corpos, não significando a dissolução do vínculo legal, impedindo a possibilidade de um novo casamento. A outra concepção diz respeito ao divórcio absoluto, o rompimento do casamento, viabilizando um novo vínculo matrimonial.

Quando a crise se evidencia entre o casal, o contato (a confiança) com os mais íntimos é inevitável. A reação destes geralmente tende a ser a de preservação da união. Caso a crise se estenda, observa-se a tendência da formação de alianças dos elementos externos com um ou outro membro do casal, numa probabilidade de vínculos maiores com aqueles que compartilham favoravelmente suas histórias, ocorrendo este fato tanto com amigos como com familiares. (Sluzki, p.102, 103).

No caso de separação e divórcio, os projetos e sonhos anteriormente construídos pelo casal antes e durante o casamento mudam até drasticamente. Rompe-se inclusive com amigos e familiares, ou na melhor das condições pode ocorrer um afastamento, mesmo que temporário. Neste aspecto podemos observar a possível tendência da formação de padrões de lealdade entre amigos do casal, para um dos indivíduos ou para ambos, sobretudo para com os filhos, para com as famílias de origem e para com toda a família extensa, numa tentativa de se manter algum tipo de vínculo e não acrescentar mais perdas dolorosas.

A árdua decisão de separação do casal que a família testemunha, é precedida de situações de crise na qual a estabilidade familiar vai progressivamente sendo ameaçada e, sem sombra de dúvida, vai sendo sentida por todos, principalmente dentro do convívio do grupo familiar. A desintegração familiar é o processo final vivido, decorrente de crises progressivas, que por sua vez vão progressivamente transformando os sentimentos do casal.

Por vezes, se tratando de “crises”, o casal que se encontra na fase do Ciclo Vital da família adolescente, bem como em qualquer outro momento de vida, até pode encontrar caminhos para superação destas e criar recursos para transformá-las em uma nova organização, restabelecendo seus vínculos parentais.

O que se observa é o aumento de separações, divórcio e tentativas de reconstruções de outros tipos de organizações familiares.

Os papéis e as funções familiares sofrem transformações após separações e divórcios. Isso sem falar das mudanças de papéis, que se estende a toda rede social como novos sistemas formados, próprios dessas situações. As responsabilidades se modificam em função da demanda familiar e de contexto social atual.

A experiência do divórcio vivida pela família é o maior rompimento no processo de ciclo vital familiar, segundo Mc Goldrick e Carter (2001), pois aumenta a complexidade das tarefas que a família desempenha durante essa fase. Acumulam-se as tarefas características do processo do divórcio, às do cotidiano, alternando-as e interrompendo-as. Porém, à medida que os elementos da família desenvolvem suas capacidades adaptativas, os estágios do processo do divórcio podem se transformar em experiências de crescimento, podendo diminuir o estresse que esse período crítico desencadeia.

Algumas considerações devem ser ressaltadas, ainda de acordo com os autores citados, para a melhor compreensão das condições vinculares entre pais e filhos, quando vivenciam o impacto decorrente do divórcio. São eles: a idade dos filhos quando se consumou o divórcio, desde a decisão da separação; o conflito entre os pais; as mudanças da vida após o divórcio e a natureza dos novos arranjos de cuidados para com os filhos.

O impacto emocional após o divórcio possui diferentes graus, bem como ocorre em diferentes estágios da vida.

Com relação aos filhos na família adolescente, estes testemunham ou representam a história viva como produto e reprodução da crise do casal separado, somada com a própria crise que caracteriza o período da adolescência. Os pais, por outro lado, conduzem-se como pais biológicos ou substitutos na relação com seus filhos, no sentido de reverem suas próprias histórias familiares anteriores e atuais. Entre o casal que se separa, é comum ocorrer mútua acusação pelos insucessos da vida conjugal, o que acaba por trazer o risco de petrificar a postura de infelicidade, dificultando a possibilidade da formação de novos arranjos familiares. Por outro lado, essa experiência poderá trazer a oportunidade de repensar a vida familiar e enriquecê-la, como subsídio para relações afetivas possíveis em família com seu novo arranjo domiciliar.

Recasamento:

Muitos casais que se recasam alimentam a expectativa de retomada de desejos de casamentos anteriores frustrados. Entretanto, pouco tempo depois, muitos deles estão envolvidos em problemas e dificuldades familiares, incluindo os filhos nos problemas, expondo-se e expondo-os novamente a riscos de dissolução, perdas e frustrações.

A família em processo de recasamento precisa reavaliar seus papéis, sem contudo negar o passado, considerando a fase do ciclo vital em que os parceiros e os filhos se situam, as dificuldades e as diferenças que a caracteriza, para poder melhor compreender os diferentes sentimentos desse momento de transição. É necessário pensar a família nessas condições como uma nova ordem de valores, diferente da família nuclear.

A família recasada com adolescentes pode apresentar seus níveis de conflitos aumentados e de difícil articulação, como o estabelecimento de novas regras e a necessidade de se vincular por meio de alianças. Isto dificulta não somente a comunicação, mas também tentativa de manter a idéia de pertencimento e lealdades; A dificuldade de diálogo por vezes fica caracterizada pela fase da própria adolescência e sua fase de crise. Outras complicações podem ainda ocorrer, pois se observam dificuldades generalizadas para mudanças de costumes em famílias recasadas com filhos adolescentes.

O papel da mulher em situação de recasamento ainda traz consigo a herança da mentalidade tradicional de família, recaindo sobre ela algumas complicações para o desenvolvimento de seu novo papel. Geralmente espera-se da mulher, nessas condições, que faça o marido feliz, que “conserte” as dificuldades dos filhos do novo parceiro, que tolere as interferências da ex-mulher do marido, bem como a do seu ex-marido, que assegure o bem estar e o convívio de seus filhos com o padrasto e o pai biológico. Certamente esse modelo em breve lhe trará infelicidade pela impotência de tentar resolver tudo. A reavaliação, flexibilização e redistribuição de papéis e funções entre o casal, não somente da mulher, poderá facilitar o funcionamento da família na atual configuração.

Com a experiência do recasamento, os parceiros podem reavaliar e rever seus padrões de vida. Os valores, lealdades e os tipos de comunicação acabam sendo padrões negociados e co-construídos, como meio de se possibilitar os vínculos de forma mais adequada ao convívio familiar.

A família que vive a experiência de sua nova composição após a separação, considerando a criação de um novo contexto familiar, traz consigo a história de intensas e tumultuadas emoções. Existe a dificuldade de se formar novos vínculos afetivos. Isso sem falar da dor e luto decorrente das separações anteriores que podem também estar contidos na comunicação entre os componentes da nova família.

No recasamento há um olhar para frente cheio de desafios e esperanças. Para trás, ficou uma história de casamento interrompida e um passado que implica lutos importantes mais ou menos cicatrizados. (Brun, 1999, p.99).

Souza (1994), afirma que a eficiência dos pais quanto aos cuidados dos filhos, bem como o envolvimento com eles após a separação, podem gerar melhor ajustamento das crianças que vivem crises decorrentes de divórcio. Para isso, recomenda a necessidade de se pesquisar o desenvolvimento da comunicação e negociação conjugal, para facilitar os vínculos co-parentais após a separação e harmonizar as necessidades dos papéis femininos e masculinos dentro e fora da família.

A qualidade dos vínculos afetivos entre pais e filhos pode trazer melhores condições às crianças e adolescentes que se compõem em novos arranjos familiares pós-divórcio. Os estudos mais atuais demonstram possibilidades mais positivas e otimistas comparadas a estudos anteriores, que apenas apontavam as conseqüências desastrosas do divórcio dos pais para o desenvolvimento dos filhos.

Brun (1999), de maneira geral, considera que experiências anteriores de casamentos, separações e recasamentos, embora sejam vivências emocionais tumultuadas, também podem ser oportunidades de construção de instrumentos profiláticos e preventivos que sirvam de recursos para a reflexão e preservação dos vínculos entre os componentes da família. Nesse prisma, salienta a importância de não transformar as situações de separações e novos arranjos familiares em depósitos de patologias, assegurando e possibilitando a criação de saídas, com o conhecimento obtido anteriormente da intensidade dos afetos envolvidos nos vínculos familiares.

No nosso entender, ao nos referirmos aos autores citados, consideramos de suma importância conhecer a negociação dos padrões de comunicação, regras e lealdades, pois é a partir do compartilhamento e construção

de novos padrões que se pode entender com mais clareza como as famílias oportunizam a vivência de experiências de vidas no recasamento para a promoção da qualidade de suas relações afetivas interligadas às experiências afetivas familiares anteriores.

Capítulo III

PARENTALIDADE

O movimento funcional de uma família é gerado pelos tipos de padrões nelas contidos, assim como estes são eleitos e negociados em substituição a outros.

A organização e reorganização de uma família vão depender de como os seus padrões serão eleitos e negociados, além de refletir o seu próprio funcionamento.

Berthoud (2003) discorre sobre a parentalidade na seguinte passagem:

os valores atribuídos ao casamento, as experiências de divórcio e recasamento, as transformações dos papéis e funções sociais da mulher e do homem e suas implicações no exercício da maternidade e paternidade, e as características das chamadas 'famílias não-tradicionais', que trazem novas possibilidades de exercício da função parental (p.25).

A família moderna surgiu a partir do século XVIII. Até então, não se concebia o desenvolvimento humano em estágios ou fases; a vida era representada por nascimento, vida e morte. Havia muito mais clara a concepção de sociabilidade do que de família. As relações sociais se caracterizavam fundamentalmente por vínculos através de instituições públicas. As relações de intimidade ou privacidade eram menos estabelecidas. Até a metade do século XX, o compromisso maior era sobre o valor do casamento, pouco se falava em "relacionamentos" ou intimidade. O casamento, para a família tradicional, era parte de uma fase natural da vida, que a maioria das pessoas vivenciou, não havendo muita aceitação social para os indivíduos que não escolhessem esse estilo de vida. Na família tradicional, onde os cônjuges se acasalavam por interesses acima de tudo econômicos, os filhos geralmente estavam determinados a cuidar daquilo que iriam herdar e teriam como tarefa a continuidade da linhagem familiar.

A desigualdade entre homens e mulheres, presente na família tradicional, expressava-se principalmente através de suas funções e papéis sexuais diretamente ligados à necessidade de garantia da continuidade da linhagem e herança. As mulheres e as crianças tinham poucos direitos. As crianças eram educadas mais pelos interesses dos pais do que em favor delas mesmas.

A família foi se transformando à medida que a informação foi se organizando através de instituições escolares e de comunicação. Essa transformação foi se revelando mais efetivamente depois da década de 1950, quando a mulher começou a participar mais do mercado de trabalho, embora ainda de maneira muito discreta e difícil, principalmente para as mulheres que se divorciavam, pois estas acabavam por sofrer o estigma social da época. O casamento passou a ter um valor baseado no modelo romântico e não mais baseado somente em padrões econômicos. A vida da família passou a ter um funcionamento mais íntimo e profundo. As crianças foram deixando de ser educadas sob a esfera pública e comunitária, para serem mais cuidadas pelos pais. A família passou a ter um valor emocional e íntimo em suas relações. Os filhos, como parte da família, passaram a ser valorizados, mais cuidados por seus pais, que lhes davam mais atenção.

Segundo Berthoud (2003), a família atual, unida pelo casamento no modelo nuclear, possui menos convivência com a família extensa, além da comunidade social, por motivo de seus estilos de vida e transformações das cidades em suas necessidades de modernização.

Outro aspecto importante apontado por Giddens (2000), quando caracteriza a família contemporânea, mostra que a vida do casal passou a ser o centro da família, à medida que o papel econômico declinou e o amor, principalmente o amor associado à atração sexual, foi transformando a base do casamento e de seus laços afetivos. A comunicação entre os pares passou a ser o principal recurso para o estabelecimento dos laços afetivos. Seguramente, o papel da mulher, em termos de direitos de cidadã na sociedade e da sua função na família, foi marcante para o processo de transformação da família na civilização ocidental contemporânea.

Do final do século XVIII aos tempos atuais, a família transformou-se profundamente em suas características sociais e culturais, revolucionando seus padrões. Certamente essas transformações se aceleraram e se ampliaram nos

últimos trinta anos, marcadas pelo advento de criações de novas tecnologias, particularmente a mídia como meio de comunicação cada vez mais eficiente e determinante para a mudança social e cultural da humanidade.

A função da família, quanto ao seu desempenho para a continuidade da espécie humana, como principal instituição social, está em conflito. Necessita de ser cuidadosamente estudada atualmente, para que se possa oferecer subsídios suficientes de adequação para a sua continuidade e adaptação no contexto social e cultural presente. A concepção de casamento, de papéis e funções familiares de cuidados dos filhos mudou com o passar do tempo. A contemporaneidade, marcada pelo movimento pós-moderno, transformou o olhar e o entendimento da realidade, alterando padrões de comportamento.

Resta-nos saber, nas circunstâncias atuais, se a família, como micro-sistema, em sua nova constituição após o divórcio ou separação, corre o risco de se incluir ou se excluir do contexto social e cultural como macro-sistema. Resta-nos saber, também, como procede em sua conduta para perder menos a sua função de organização e reorganização dos vínculos parentais.

O divórcio, como opção crescente de saída para situações de conflitos familiares, assim como os recasamentos e organizações familiares, demonstram aspectos de mudanças no comportamento da população brasileira e de todo mundo ocidental.

Adolescentes e crianças podem apresentar reações ambivalentes em seus comportamentos perante os novos parceiros dos pais, como ciúme ou hostilidade. Podem diminuir a esperança de ver os pais novamente unidos e temer por gostar do novo parceiro (a) e, mais uma vez, essa pessoa ir embora. Outro conflito pode aparecer com a sensação de traição, revelando a ambivalência dos filhos através de conflitos de lealdade.

A parentalidade em famílias formadas por cônjuges recasados, tem sido muito estudada, com o crescente número de separações e novas composições familiares. Novos vínculos de parentescos surgem e as funções familiares tornam-se multiplicadas por pais, avós, meio-irmãos, resultando muitas vezes em dificuldades nos relacionamentos e transformando o padrão de parentalidade.

Nas famílias nucleares, primeiro casamento dos pais em convívio com seus filhos biológicos, notam-se algumas dificuldades na integração das histórias de

vidas e os padrões das famílias de origem herdadas pelos parceiros. Essa nova família negociará e construirá em seu convívio seus próprios padrões, além de gerar, provavelmente, seus próprios filhos. Em famílias recasadas, as necessidades ficarão potencializadas, pois se somarão às dificuldades, em maior ou menor grau, dependendo da situação e da participação dos ex-cônjuges. Acrescentando-se a isso, às mudanças na vida cotidiana, poderá também ocorrer a sobreposição dos ciclos vitais, quando os anteriores forem interrompidos com as separações.

Muitos estudos demonstram que é comum o número de novas separações entre os parceiros que se recasam, em virtude das dificuldades encontradas. Frequentemente, os parceiros que vieram de separações anteriores buscam no recasamento a esperança de uma nova história, sem os problemas anteriores, correndo o risco de não se basearem na realidade dos vínculos e condições a que estão submetidos agora. Nessas circunstâncias, a possibilidade de frustrações, medo e insegurança passam a ser uma ameaça, pois a busca de reparações de erros anteriores e a fantasia de se realizar tudo aquilo que não foi consolidado no casamento anterior, se evidenciam através dos desejos desses novos casais. As experiências anteriores e o vínculo afetivo assegurado, porém, poderiam colaborar para a sobrevivência dessa nova família.

Pouco se conhece a respeito dos filhos na relação parental da família recasada, em particular dos adolescentes em convívio nessa família. O que se sabe é que muitas vezes eles podem manifestar ciúmes e hostilidade com relação aos novos parceiros dos pais, até que o seu amadurecimento permita compreender melhor a situação de transformação familiar. Além disso, poderá ocorrer o medo de outras possíveis perdas afetivas, vindas da convivência de suas anteriores famílias, bem como da atual, se os novos parceiros dos pais não configurarem relações familiares mais estáveis. A questão da autoridade, no que se refere aos papéis na nova família organizada, principalmente com os adolescentes, é uma questão delicada, pois denota e potencializa a fase de transição própria desse ciclo vital do adolescente e da família envolvida. Todavia, tudo dependerá de como os parceiros dos pais irão se fortificando em favor da melhor adaptação familiar.

Pensando a parentalidade como sistema de vínculos, Sluzki, (1997, p. 57,58) propõe uma análise dos vínculos quanto aos seus atributos.

- *Funções predominantes*, como predominantemente esses vínculos estão combinados, as funções que os caracterizam.
- *Multidimensionalidade*, ou a versatilidade de quantas dessas funções desempenha.
- *Reciprocidade*, a equivalência dessas funções em termos de qualidade ou de seus tipos característicos.; ou a “simetria – assimétrica” como sendo a situação comum encontrada nas relações entre pais e filhos, nas quais as funções não são recíprocas durante os primeiros anos de vida dos filhos, exceto em casos de emergência ou “filhos parentificados”. Futuramente esses vínculos transformam-se em simétricos, quando os pais envelhecem, invertendo a relação complementar.
- *Intensidade*, a atração entre os membros ou “grau de intimidade”.
- *Frequência dos contatos*, que diz respeito à distância e/ou proximidade dos vínculos. A maior distância demanda maior necessidade de manutenção do vínculo para torná-lo intenso. As quebras de contato em casos de vínculos intensos, podem também ser rapidamente reativadas.
- *História*, a experiência anterior do vínculo, como correu a história anterior desse vínculo.

Sluzki (1997) propõe essas características de vínculos para ilustrar a formação de redes sociais. Proponho esse estudo como mais uma referência para ilustrar e compreender a parentalidade na família em processo de adaptação à sua condição de recasamento e status social, pois de certa forma a família em seu contexto social vive situações de semelhança por meio dos fenômenos vinculares dentro e fora da família.

Para Berthoud (2003), a parentalidade, sob o ponto de vista da família recasada, fruto do processo de mudanças sociais e culturais do mundo globalizado sofridos pelo desenvolvimento individual do ser humano, busca sua identidade adaptativa para o desempenho de seus papéis e funções na família. Como modelo construído e referencial de estruturação psicológica, essa família, em seus novos

padrões de funcionamento, também influi no desenvolvimento individual de seus filhos através de seus vínculos ao longo de seu ciclo vital.

A parentalidade é um termo da atualidade, que consiste na compreensão de vínculos construídos e experimentados por meio de arranjos familiares diversos de nosso contexto social ocidental, nos quais podemos observar recasamentos após separações e divórcios, novas configurações familiares como casamentos entre homossexuais e famílias constituídas e mantidas somente por mulheres (matrifocais) ou somente por homens em aumento de densidade social. As relações familiares se transformam conforme a necessidade que o mundo atual no ocidente se impõe. A famílianuclear, composta por parceiros casados em suas primeiras núpcias e responsáveis pelos cuidados dos filhos, chamada também de família"tradicional", vai abrindo espaço para novas composições familiares e passa a ser uma concepção menos impermeável às possibilidades de transformações.

A composição da família em atual recasamento será daqui para frente mais complexa, com um dos pais mais afastado e às vezes com novos irmãos ou "meio-irmãos", que podem manifestar o sentimento de invadir ou serem invadidos em seus espaços familiares. Contudo, a família recasada poderá viver situações de apego, separações e perdas anteriores, mas poderá entretanto gerar oportunidades para a construção de uma nova história ampliada, sem jamais precisar esquecer as suas origens.

Capítulo IV

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO, REGRAS E LEALDADES

Conhecer os padrões herdados da família de origem, co-construídos na família atual e o funcionamento desses através das regras, formas de comunicação e lealdades, poderá ser um dos caminhos para a melhor compreensão de como os vínculos parentais da família atual estão sendo estabelecidos. Comumente, a negociação desses padrões ocorre no início das uniões conjugais, delineando a maneira de funcionamento do grupo familiar. No caso de cônjuges recasados e com filhos na fase do ciclo vital da adolescência, esses padrões passam a ser questionados e a família a viver um período de transição e acomodação em seu modo de funcionamento. Pais e filhos reavaliam seus conceitos na intenção de se preparar para a fase seguinte.

A nova organização familiar, derivada do recasamento dos pais, potencializa a necessidade de negociação e flexibilidade de padrões para melhor adaptação. Contudo, é necessário construir e estabelecer novos referenciais que delimite o espaço familiar, para melhor favorecer a contenção e adaptação social de seus componentes.

Antes de se categorizar alguns padrões de interações familiares, procuraremos explicar as suas funções. A principal delas é transmitir modelos de relações contidas na comunicação e vínculo familiar, transmitidos geracionalmente e transgeracionalmente.

Para Cerveny (1994),

as gerações anteriores oferecem modelos de padrões interacionais para as gerações subseqüentes não só no nível da fusão/diferenciação e triangulação mas também por meio da comunicação, dos mitos, das regras, da hierarquia, das seqüências e da afetividade (p.50).

Comunicação:

Para abordar as implicações que são geradas e melhor se conhecer os processos comunicacionais do ser humano, é necessário se definir o termo “comunicação”.

Para Watzlawick e colaboradores (2002), comunicação diz respeito ao comportamento em situação interacional, com valor de mensagem, em que é impossível *não* comunicar.

A qualidade da comunicação observada entre duas pessoas ou mais define a relação quanto ao seu grau de compromisso, de certa forma impondo um comportamento. Nessa linha de pensamento, proponho-me a investigar o grau de compromisso e qualidade de vínculos parentais da família em nova recomposição por meio do recasamento conjugal e convivência com filhos atuais e de casamentos anteriores, sob o ponto de vista do adolescente dessa família.

Refletindo um pouco sobre a maneira pela qual a comunicação se efetua na família recasada, narrada pelo adolescente dessa família, seria interessante abordar alguns aspectos que caracterizam o fenômeno da comunicação humana para melhor compreender, nesse prisma, o funcionamento da família. É preciso considerar, aqui, o contexto sócio-cultural; a fase do ciclo vital da adolescência presente na família e as conseqüentes implicações bio-psico-sociais do momento.

Se partirmos da idéia de que não existe o “não comportamento”, então todo comportamento possui um conteúdo ou valor comunicativo como mensagem, falada ou não. A comunicação possui a capacidade de influenciar o outro, que por sua vez fica impedido de não responder. A troca de mensagens entre as pessoas é chamada de *interação* (Watzlawick, 2002).

Watzlawick, apud Cerveny (2005, p. 16) diz que: “*um fato pode parecer inexplicável enquanto não se amplia o contexto onde o mesmo ocorre.*”

Para melhor ilustrar o que pode ocorrer como obstáculo durante uma comunicação, no nível do emissor e receptor, Cerveny (2005) considera como obstáculo os conteúdos de valor, crenças, julgamentos, emoções, experiências anteriores, etc., identificando o Obstáculo do Emissor (OE) e Obstáculo do Receptor (OR), destacando ainda esses obstáculos como *ruídos*. Entre eles cita os seguintes:

- a) *Em muitas ocasiões ouvimos aquilo que queremos ouvir e não realmente o que realmente está sendo dito.*

- b) *Temos a tendência de ignorar informações – principalmente as novas – que entram em conflito com nossas crenças, opiniões e precondições.*
- c) *Quando nos comunicamos, não estamos isentos de avaliar a fonte de onde vem a mensagem e também para quem vamos transmitir.*
- d) *Um mesmo fato pode comunicar coisas diferentes para diferentes pessoas.*
- e) *Assim também, as mesmas palavras podem ter significados diferentes para as pessoas.*
- f) *Enviamos e também recebemos comunicações que são paradoxiais e contraditórias.*
- g) *Temos linguagens especializadas que tornam nossos quadros de referência desiguais.*
- h) *Muitas vezes podemos ter comunicação verbal incoerente com a não verbal. Dizemos sim com a voz e não com a cabeça.*
- i) *Não percebemos o momento oportuno para falar ou calar.*
- j) *Somos às vezes mais especialistas nas comunicações dos outros do que das nossas próprias.*

Para ilustrar a fase do ciclo vital da adolescência, a autora ainda comenta: “na família com crianças e adolescentes eles sempre sabem avaliar a fonte comunicadora quando se trata de obedecer ordens” (p. 17). A discriminação das intenções contidas em regras serão mesmo cumpridas ou não, assim como as promessas, além do grau de confiança para com os segredos.

Portanto, ao se referir aos estudos de famílias recasadas com filhos adolescentes podemos pensar com mais atenção nas inúmeras possibilidades de se encontrar obstáculos na comunicação entre as gerações dessa mesma família. Por mais que se perceba, na melhor das hipóteses, em relações interpessoais mais transparentes na família, permeia translucidamente pelo movimento comunicacional sempre um conteúdo adicional em suas intenções a serem cuidadosamente pensadas, pois nunca se está imune de deformações na transmissão ou na apreensão de intenções carregadas de emoções, valores e crenças, desempenhadas pelo emissor e receptor.

A hierarquia da família no ciclo vital da adolescência, segundo Cerveny (2005), age como obstáculo da comunicação quando esta se apresenta conturbada, dificultando o processo das relações interpessoais, pois os pais estão, da mesma

forma que os filhos, revendo seus próprios padrões de crenças e valores, enquanto são constantemente questionados pelos filhos.

Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (2002), o comportamento não tem oposto, não é possível o não comportamento do indivíduo. Todo comportamento gera uma mensagem numa situação interacional, uma comunicação. A comunicação só ocorre na intencionalidade, quando alguma idéia já foi pré-concebida por meio de processos reflexivos. Deverá ocorrer um mínimo de consenso nas relações interpessoais que dialogam, para ocorrer mútua compreensão.

Os fenômenos comunicacionais neste estudo são compreendidos por meio dos sistemas interacionais humanos, caracterizados por propriedades como tempo, relações sistema-subsistema, globalidade, retroalimentação e equifinalidade.

Como processo recorrente da comunicação, é necessário ressaltar a importância das *seqüências* das comunicações, pois se constituem num processo e como ocorre em sua ordem e inter-relações num determinado período de tempo.

Como citam Watzlawick, Beavin e Jackson (2002, p.120):

numa seqüência comunicacional, toda e qualquer troca de mensagens restringe o número dos possíveis movimentos seguintes". Isso nos reverte a pensar que o contexto dita, até certo ponto, as condições, determinando-as de forma mais ou menos restritiva. Em toda relação, os participantes determinam a natureza da comunicação, podendo através das reações confirmarem, rejeitarem ou mudarem a do outro. Este processo, segundo Jackson (73,74), melhor observado nas relações permanentes são percebidas em famílias, cujas relações são redundantes no nível de relações ou sistemas governadas por regras.

Segundo Watzlawick e outros (2002), "a comunicação implica um cometimento, um comportamento; e, por conseguinte, define a relação." (p. 47)

Ao se entender que a comunicação organiza o processo de circularidade e este, por sua vez, transforma a comunicação, organizando as relações humanas, a evolução desse processo favorece as mudanças de comportamento das pessoas para um novo arranjo do grupo familiar. Existe a tendência de serem criadas novas concepções e regras para o entendimento, adaptação e convívio do grupo familiar, mas não seria possível a negação de antigos referenciais de valores.

Supõe-se que família reconstituída em seu processo de evolução após separações ou divórcios, está tentando aprimorar sua qualidade de comunicação, com a finalidade de alcançar graus mais desejáveis de satisfação quanto à sua

sobrevivência como grupo familiar. No entanto, os padrões como comunicação, regras e lealdades só poderão ser concebidas dependendo da qualidade e de como a comunicação se processa, seja falada, não falada, escrita ou gesticulada.

Existem algumas categorias propostas por Watzlawick, Beavin e Jackson (2002, p.69), no trabalho clínico com famílias, que podem colaborar no entendimento do processo da comunicação como fenômeno de interações humanas. Ao se referirem à pragmática desse contexto comunicacional e as impossibilidades de não se comunicar, estabelecem a seguinte divisão:

Rejeição da comunicação: o indivíduo não aceita a interação com o outro de maneira clara,

Aceitação da comunicação: a comunicação entre as pessoas envolvidas num diálogo poderá ser aceita e então ocorre o início da interação.

Desqualificação da comunicação: a invalidação das mensagens do outro, que pode ser através de declaração contraditória, incoerência, mudança brusca de assunto, tangencialização, frases incompletas, interpretações errôneas, obscuridade ou maneirismos nas falas, interpretações literais de metáforas e interpretações metafóricas de comentários literais e outros. Seria uma tentativa de se evitar a comunicação, ao mesmo tempo em que a outra pessoa se sente sem saída. A comunicação não verbal, bem como gestos, posturas, expressões faciais ou emocionais, percebidas através do corpo, também podem significar expressões de desqualificação da comunicação.

Para este estudo, tais categorias poderão ser utilizadas no auxílio da análise e conhecimento das transações dos padrões da família atual com história de divórcios ou separações familiares anteriores. Neste nível, propõe-se investigar as possibilidades que viabilizam ou não a troca de conteúdos da comunicação, negociação, preservação ou constituição de valores de referência para a preservação da família em seu processo evolutivo de adaptação às novas condições.

Regras Familiares:

As regras familiares podem estar ligadas às questões que regulam o grupo familiar; à maneira de agir da família em situações diversas, assim como hábitos e princípios que conduzam a certos comportamentos.

Segundo Michaelis (1998), regras significam: norma, preceito, método; máxima; ação, condição, qualidade, uso. Aquilo que se admite como padrão comum; exemplo, modelo; o que se acha determinado pela lei ou pelo uso; estatutos de certas ordens religiosas; boa ordem, economia, moderação.

As regras familiares em nosso estudo estão relacionadas aos sistemas interacionais permanentes, nos quais se definem padrões de conduta, orientadas pelo padrão de comunicação eficiente, determinando as reações do outro e abrindo claramente possibilidades para rejeições, confirmações ou mudanças.

No que se refere à estabilização dos sistemas interacionais, Jackson (2002), o descreve como *regras* das relações, como enunciado das redundâncias nelas observadas, considerando as variáveis de conteúdo. As regras podem ser consideradas em termos de simetria ou complementaridade, equiparando-se reciprocamente. As várias interferências interpessoais das relações circunscrevem os comportamentos possíveis. Caracteristicamente, as famílias se expressam como sistemas governados por regras, sem que estas sejam as únicas responsáveis pelas condutas da família.

O sistema de crenças do indivíduo, o sistema de crenças da família e o contexto cultural podem impor regras como sistemas reguladores sociais. Porém, a negociação e flexibilidade de tais regras, contidas nesses sistemas reguladores, permitem a evolução de relações interpessoais mais adaptativas e produtoras de novas realidades possíveis ao convívio humano. Portanto, é de fundamental importância a contemporização de regras, para que as possibilidades de criação e adaptação social do indivíduo e da família ocorram mais fluentemente. Nesse sentido, os riscos de repetição de modelos de comportamentos indesejáveis poderão ter menos chance de acontecer. A contemporização funciona como medida preventiva, reguladora do funcionamento familiar.

Para entender o funcionamento da família sob a ótica da Teoria de Sistemas, será necessário o reconhecimento da estrutura, padrões e regras que a compõem e que são criadas por esta.

Cerveny (1994) cita alguns autores como Jackson (1965), Laing (1969), Minuchin (1981), e Carneiro (1981), entre outros, para ilustrar e conceitualizar o que, para eles, significam as regras familiares. Cita Umbarger (1983), por exemplo, que define as regras familiares, como:

uma configuração persistente, em interações familiares, pode adquirir o status de uma regra...existem regras familiares que se anunciam e se seguem intencionalmente, mas que as regras mais importantes podem passar despercebidas pela família e são aquelas condutas repetitivas que constituem a rotina da vida cotidiana da família (p. 54).

Cerveny ainda considera as regras familiares como um conjunto de acordos implícitos e explícitos que sejam conhecidos pelo grupo familiar. Se elas possuem um caráter mais universal e explícito as suas particularidades se definem de acordo com a cultura em que a família está inserida. Por outro lado, as regras implícitas vão delineando a história familiar por meio da convivência do dia a dia.

A família recasada com filhos adolescentes atravessa situações de dificuldade generalizadas, na adoção de novos padrões para o convívio e adaptação a essa condição. O adolescente, nesse contexto, já considerando a delicada fase em que se situa, pode reagir à família com quem convive de maneira conflitiva e aumentada, pelo fato de estar experimentando a diferenciação e formação de identidade. Pode ter dificuldade de aceitar o diálogo com o padrasto ou madrasta, de aceitar os novos parceiros dos pais e pode ainda precisar, muitas vezes, de formar alianças vinculares de lealdades para justificar as rupturas de vínculos anteriores, agravando a comunicação interativa em família.

A constituição familiar por meio do recasamento possui uma maneira muito própria de funcionamento. Não se compara aos moldes da família nuclear. Todas as referências foram alteradas e, se desde o início as regras e os padrões gerais da família puderem ser negociados e flexibilizados, provavelmente existirão recursos e condições para a criação de novas normas que facilitem os vínculos e diminua o estresse em favor da convivência familiar.

O funcionamento de toda família depende do conjunto de regras por ela estabelecida. As regras mais universais de organização familiar, muitas vezes, são mais explícitas. Porém, mesmo considerando sua universalidade, dependem da cultura à qual pertence a família, tornando-as mais específicas, próprias daquela família. Por outro lado, outras podem ser mais pertinentes a um determinado grupo

familiar, evidenciando negociações implícitas entre os membros, construídas através da história e vivência cotidiana da família.

As regras familiares possuem uma função básica que é a de preservar o próprio grupo em convívio, mesmo se o seu funcionamento possui um movimento de perfil patológico. A princípio, todo grupo familiar tende a manter seus padrões já conhecidos e estabelecidos. Quando antigas regras são questionadas ou uma nova regra é estabelecida, evidencia-se no grupo familiar certo grau de resistência à sua integração.

Lealdades:

Borzormeni-Nagi e Spark (2003, p. 54) estudaram alguns conceitos de lealdades presentes no sistema de relações familiares, e os consideraram como um dos padrões de grande importância para a compreensão dos fenômenos observados durante o funcionamento da família como grupo. Para esses autores, a definição de lealdade apresenta sentidos morais, filosóficos, políticos e psicológicos. O termo refere-se à atitude de confiança e compromisso dos indivíduos.

Lealdade é uma palavra derivada da palavra francesa “loy”, significando o acatamento da lei.

Segundo Michaelis (1998), lealdade refere-se a qualidade de leal; fidelidade; ação leal.

As famílias estabelecem suas próprias leis, observadas através das expectativas compartilhadas e não escritas. Cada componente da família está sujeito a pautas variáveis de expectativas que podem ou não serem cumpridas.

As expectativas estão implícitas no conceito de lealdade. Cada membro do grupo familiar tem o compromisso de alcançar algumas expectativas, positivas ou negativas, conscientes ou inconscientes. O indivíduo acaba assumindo a conotação de dever, mediante a interiorização dessas expectativas, comportando-se de forma a procurar cumprir o que se espera dele.

A formação estrutural das lealdades ocorre conforme a história do indivíduo na relação com suas crenças, costumes e tradições, compartilhada por

meio de regras familiares, muitas vezes expressas através do comportamento de apego, como tentativa de suprir sua necessidade, pertencimento e referencial. Desta maneira, pode-se pensar que o conceito de lealdade nos permite compreender melhor a ética, como as relações interpessoais na família estão estruturadas em seus vínculos mais profundos e em relação a outros grupos sociais. A maneira pela qual os indivíduos desse grupo irão administrar, cumprir ou negociar tais leis, dependerá do conjunto de reações emocionais dos integrantes, bem como de suas posições hierárquicas ou de importância de papéis desempenhados em suas relações pessoais. Nessa condição, podemos pensar as relações familiares ligadas ou comprometidas a subgrupos ou alianças, determinando um tipo de padrão de conduta por necessidade de pertencimento ao grupo.

Os compromissos de lealdade, segundo os autores citados, são como teias invisíveis que se ligam e se mantêm, unindo fragmentos complexos da conduta relacional tanto na sociedade como na família.

Nagy e Spark (2003), ao falarem do compromisso entre os componentes familiares e suas lealdades implícitas nas relações pessoais e intergrupais, citam:

(...) em uma família a lealdade dependerá da posição de cada indivíduo dentro do âmbito de justiça de seu universo humano, o que por sua vez conforma parte da quantidade de méritos intergeracionais na família (p.56).

A lealdade leva o indivíduo a se identificar com o grupo e diz respeito à confiança, responsabilidade, compromisso e devoção.

O que se prioriza e o que se apreende, como expectativa e mandamentos do indivíduo leal, proporciona forças psicológicas estruturais, que podem exercer coerção sobre o sujeito, bem como sanções sociais e códigos de regulamentos não descritos.

Os desejos assimilados em cada indivíduo tendem a ser repetidos em determinadas experiências relacionais a seu tempo, nas fases da vida.

Ainda segundo os mesmos autores, todas as fases da vida estão ligadas às seguintes expectativas:

1. Com o casamento, os parceiros têm que deslocar a lealdade que devem à família de origens e assumir um compromisso de fidelidade entre eles.

2. O casal deve às suas famílias de origem uma forma diferente de lealdade que diz respeito aos seus antecedentes, à sua cultura, religião e valores.
3. Devem lealdades aos filhos que vierem para a nova família.
4. Por sua vez os filhos também passam dever lealdade aos seus pais e a gerações que os antecedem.
5. Os irmãos têm uma dívida de lealdade uns para os outros.
6. As relações sexuais não são permitidas entre parentes com laços consangüíneos, mesmo que tenham afeto entre si.
7. Os pais devem apoiar sua família nuclear, uma vez que devem uma dívida de apoio para com seus parentes incapacitados.
8. As mães têm o dever de serem donas de casa e criar os filhos e manter o relacionamento com a família de origem.
9. Os membros da família têm uma dívida de solidariedade em relação aos amigos e estranhos e um compromisso com a sociedade como bons cidadãos.
10. Todos os membros têm um dever de lealdade para com a família, mantendo a integridade do sistema familiar, procurando manter novas relações e adaptações para as novas mudanças do sistema.

O que pode ocorrer na nova organização familiar, quanto às lealdades, é a preservação ou a recusa de aceitação de determinados tipos de padrões vindos de vínculos familiares anteriores, bem como da atual. A lealdade, nesse sentido, funciona com o objetivo de não romper o acesso aos vínculos considerados mais importantes para os componentes desse tipo de família, que são geralmente pai, mãe, avós, tios, meio-irmãos e outras pessoas importantes da família extensa.

Ao falar de adolescentes em fase de transição para a vida adulta, considerando a sua necessidade de diferenciação como indivíduo, é necessário pensar a respeito de suas dificuldades em assumirem compromissos. Essa condição pode parecer uma ameaça ao grupo familiar, pois pode ser entendida como desrespeito às regras de lealdade que permeiam o funcionamento da família.

No inter-jogo das relações familiares estão presentes critérios de lealdade, expressos no comportamento cotidiano. Nessa linha de raciocínio, a

eficiência da lealdade incide mais sobre indivíduos com laços consangüíneos do que em outros arranjos familiares.

A estrutura subjetiva de compromissos de lealdades entre pais e filhos se inicia por meio da relação inter-pessoal, revelando dívidas entre eles pelos cuidados, compensações de regras e disponibilidade. À medida que as compensações e obrigações ocorrerem reciprocamente, o nível de lealdade e confiança nessa interação aumentará.

Quando as estruturas de confiança entre pais se quebram por meio de conflitos, separações ou divórcios, os modelos subjetivos dos pais representados pelos filhos desestabilizam-se, podendo ocorrer o abalo na confiança relacional entre eles.

A família como modelo de cuidados, quando reproduzida em outra relação conjugal dos pais, pode ser questionada pelo adolescente, numa tentativa de garantir a estabilidade e pertencimento a uma base assegurada como referência de sua identidade. Expectativas frustradas de idealizações familiares no recasamento podem gerar mais conflitos entre os adolescentes da família e seus componentes. O adolescente, nesse contexto, tenta resolver seus conflitos potencialmente expressos por meio da insatisfação com seu grupo familiar, buscando outras formas de compensação em grupos próximos de sua família extensa ou em sua rede social. As relações familiares ficam ameaçadas por não ocorrerem trocas no mesmo nível de reciprocidade.

Alguns dos motivos das dificuldades em manter os compromissos de lealdade são os novos vínculos, como o recasamento, por exemplo. Essa nova fase do ciclo vital desencadeia a necessidade de construir novas regras e compromissos no grupo familiar. A negociação entre as antigas e as novas expectativas de família no recasamento com filhos adolescentes pode sugerir tensões e conflitos. Nesse sentido, um vínculo de confiança mínimo se faz necessário para garantir a troca e reciprocidade relacional entre a família recasada e o adolescente.

Capítulo V

O ADOLESCENTE NA FAMÍLIA RECASADA

Desde os anos 50 do século XX a criança ocupa um espaço de valor entre as famílias, que as associam à mentalidade construída em séculos anteriores, como o casamento duradouro, instituição responsável pela sua criação. Por outro lado, essa idéia também é fortalecida pelo Estado, concebendo uma nova idéia social, onde as funções e os papéis de pais definem a família como principais cuidadores.

O papel e a função da mulher não se restringem mais à pessoa responsável pelos cuidados dos filhos, pois novos papéis são a ela acrescentados, com o reconhecimento do Estado para a formação de indivíduos no plano amoroso, social e de desenvolvimento. A mulher passa a ser mais responsável pela manutenção e guarda dos filhos.

A adolescência passa a ser reconhecida mais recentemente, caracterizada, assim como a infância, como um período de cuidados dos pais de forma mais duradoura. Os filhos adolescentes, por sua vez, dependem de si mesmos enquanto freqüentam instituições educacionais em períodos mais longos, bem como ficam mais tempo como dependentes dos pais, adiando o momento de início da vida adulta e formação de suas próprias famílias.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é situada entre os 10 e 20 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, essa fase se encontra entre os 12 e 18 anos. (IBGE, 2004).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, sob a lei no. 8069 de 15 de junho de 1990, diz:

Artigo 2º. “Considera-se criança para os efeitos desta lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos; e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade.”

O Brasil atual se caracteriza por regiões de distintas culturas, traz em sua diversidade padrões e princípios de socialização, conhecimento, família, escola e religião. As famílias com filhos adolescentes participam dessa diversidade de situações, tentando conviver com as diferenças de contextos, ao mesmo tempo em que tentam criar formas alternativas para oportunidades de engajamento social enquanto ocorre o desenvolvimento dos filhos.

A transformação dos padrões sociais trouxe-nos uma nova ética, como resultado do movimento pós-moderno. Esses novos valores baseiam-se na renda e no poder, tanto pessoal como no poder econômico. A difusão dos meios de comunicação em massa, a democracia, a publicidade e o consumo foram fatores que marcaram a família dessa nova era. A vida cotidiana atual tende ao individualismo, tanto na esfera da vida privada como na esfera social e pública. O adolescente, nesse contexto, em sua história de vida, foi uma criança só, diferente da vivência da criança anterior, caracterizada pelo movimento da modernidade, quando era criada pela família extensa e pela comunidade. A família, assim como a escola, se enfraqueceram como espaços educacionais. O espaço coletivo e as redes sociais não mais caracterizam a vida contemporânea de modelo capitalista.

Os adolescentes de hoje, que vivem em famílias organizadas pelo recasamento dos pais, foram os filhos pequenos, quando os pais se divorciaram. A segurança familiar pode ter ficado ameaçada pelas idas e vindas de cuidadores, de pais provavelmente pouco disponíveis e emocionalmente instáveis, até a readaptação às novas condições da família que viveu a separação ao recasamento dos cônjuges.

Durante o processo de separação até a organização das novas condições familiares, segundo Mc Goldrick e Carter (2001), o casal vive o luto pelo casamento e pela família perdida, o exame do próprio papel na deterioração do casamento, o planejamento de continuidade da vida, sem todavia, distorcer ou romper com o passado.

A família recasada com adolescentes necessita se adaptar e se organizar para o convívio entre todos os que compartilham o mesmo espaço. Os pais, ao considerarem as rápidas transformações de seu processo de crescimento e do mundo atual, precisam favorecer o seu engajamento no mundo do adulto. No Ocidente, a família contemporânea se identifica como unidade econômica, mas a sua principal função é de apoio emocional.

Por outro lado, na fase da adolescência, a família vive o momento de transição não somente relacionado ao desenvolvimento dos filhos. Em geral os pais em fase de meia idade reavaliam também suas carreiras e o próprio casamento. Se, nessa situação, somam experiências anteriormente vividas por separações ou divórcios, além da guarda ou manutenção dos filhos, a possibilidade do medo e insegurança quanto ao futuro familiar torna-se ameaçadora. As incertezas tomam conta dos pais de adolescentes mais severamente nessas circunstâncias.

A vida do adolescente atual, filho do casal que se recasou, pode ser marcada pela experiência de separação de seus pais de formas diferentes em intensidade e qualidade emocional. Muitos estudos apresentam consenso comum, no parecer de Mc Goldrick e Carter (2001), no que se refere aos vários tipos de arranjos familiares, ao afirmarem que: “quanto mais jovens os filhos na época do divórcio, maior o impacto à curto prazo.” (p. 298).

Wallerstein e Kelly (1980), Wallerstein (1984), apud Mc Goldrick e Carter (2001), concluíram que

as crianças pequenas que não têm nenhuma lembrança da vida pré-divórcio se ajustam melhor, com o passar do tempo, do que as crianças mais velhas, que se lembram da família que existia e afirmam o divórcio ser como o evento central de sua infância (p. 298),

Muitos estudos apontam o relacionamento entre os pais após o divórcio como o fator mais crítico do funcionamento da família, do ponto de vista dos filhos. A importância do relacionamento continuado e qualitativo com ambos os pais é citado como o fator de maior importância para o ajustamento do filho, mais do que a ausência dos pais ou o próprio divórcio. Este centraliza a situação de conflito *entre os pais*.

Andolfi (2002, p. 259), comenta: “Passar do ‘nós’ da primeira família para o ‘nós’ da segunda é possível, mas não acontece de imediato, pois exige tempo.” Assim mesmo, como o autor observa, nem sempre essa passagem se realiza, pois filhos ou filhas podem ter reações de sentimentos que possam afrontar os pais e afetivamente afastarem-se deles.

Na visão dos filhos, mesmo que os pais queiram se afastar do passado, para eles essa ligação anterior permanece e faz parte de sua formação de identidade. Na infância a passagem do antigo para o novo é mais difícil, porque envolve pessoas de importância afetiva do momento e pessoas ausentes.

Ocasionalmente, segundo Andolfi (2002), relações entre pais e filhos afastados podem ser favorecidas pela aproximação da figura parental substituta. O que o pai ou mãe biológica podem apresentar dificuldades de comunicação entre si ou se referirem a ao outro de forma tranqüila — ou não — aos filhos. Em casos de separações consensuais é mais favorável a relação entre filhos e pais separados. Nessas situações, percebe-se entre os ex-cônjuges uma “aliança-subterrânea”, por vezes ignorada pelos parceiros atuais. Em situações semelhantes às descritas acima, segundo o autor, observa-se a comunicação entre os filhos em sintonia com os pais. *“O passado não deve ser ignorado, mas não pode dominar o presente.”* (Andolfi, 2002, p. 261)

Portanto, é possível que algumas reações emocionais desagradáveis ou indesejáveis ocorram, quando, em curtos espaços de tempo, perdas afetivas significantes se acumulam, ou mesmo quando não existem condições para se compreender melhor o que está acontecendo.

A adolescência atual é reconhecida mais precocemente do que em gerações anteriores, quando se observa as mudanças físicas da puberdade e as conseqüentes alterações do comportamento sexual e psicológico, determinando a passagem da infância para a vida adulta. Há estudos que afirmam que a puberdade não é mais a passagem da infância para a adolescência, mas que a criança aos 9 ou 10 anos de idade de nosso convívio ocidental, já compartilha de realidades comuns ao mundo adulto em sua vida social. Esta é a nova geração “on-line”, em tempo integral e onde tudo ocorre ao mesmo tempo, na urgência imediata que requer para a solução de seus problemas. As construções sociais e os vínculos afetivos do “ficar” revelam os múltiplos contatos sem compromissos, estabelecendo relações pessoais rápidas e superficiais, sem tempo para esperar a maturação do relacionamento. Nesse mundo “liberado”, os padrões de comunicação, lealdades e regras adquirem nuances próprias e de breve permanência entre o grupo social. Esse comportamento, gerado como padrão vincular de imediatismos, em um mundo com as subjetividades próprias do adolescente atual, afeta os pais e a família extensa, que, por mais que tentem acompanhar o novo ritmo, pensam com a mente “moderna”, sistema antigo de valores, defasado das necessidades mais emergentes de seus filhos.

Quase não há mais tempo nem espaço para se refletir, flexibilizar e adequar o “antigo” com o “novo”, ou seja, os sistemas de valores do mundo Moderno

com o do Pós-Moderno. Os relacionamentos acontecem numa tentativa de buscar formas de convivência baseadas no ideal de qualidade de vida que o momento pode proporcionar. Pouco espaço existe para tolerâncias a frustrações que possibilitem a criação de uma nova concepção de vida. O estilo de vida atual baseia-se na cultura ocidental, onde cada vez mais ocorrem divórcios ou separações. O aumento de novos arranjos de convivência familiar é parte desse processo.

As mudanças de comportamento do adolescente revelam ao mundo que o observa, principalmente a família, um impacto quanto à adequação para lidar com esse turbilhão de mudanças físicas, de emoções e comportamento sexual, muitas vezes trazendo dificuldades. Nesse contexto, os pais acabam por tomar medidas de regras e limites conforme a experiência de cada um, referindo-se a seu próprio crescimento e vida adulta com seus parceiros, com o propósito de estabelecer normas, assim como na relação com seus próprios filhos adolescentes, gerando expectativas de vida e adaptação social.

Idéias e valores são constantemente questionados pelos adolescentes, ocasionando muitas vezes discórdias entre as gerações em convívio. Esse acelerado processo de formação de identidade e auto-imagem na adolescência também se estende à escola e à comunidade.

Para Mc Goldirck e Carter (2001), o próprio desenvolvimento das relações interpessoais na família e comunidade vai favorecendo a construção de um estilo de vida mais autônomo ao adolescente, quando decisões de vida são tomadas mais independentemente dos pais, podendo assumir com mais amplitude e controle as suas próprias ações. Para isso, ainda segundo os autores, é necessário o encorajamento por parte das pessoas de seu vínculo, para lançarem-se com confiança e independência no mundo. Essa atitude não significa serem desligados de seus pais, mas saberem também que podem contar com eles para o amparo emocional que necessitam.

As expectativas de desempenho dos papéis sexuais e de identidade, por parte dos pais com relação ao filho adolescente, são determinadas pela qualidade de seu desenvolvimento. Revelam-se aqui os valores, as escolhas e as oportunidades de inserção social adequadas e adaptativas ao seu contexto.

As transformações na vida de uma família, na contemporaneidade, seguem um processo tão veloz quanto as transformações tecnológicas e sociais da humanidade deste século. Frente a essa situação, estamos constantemente

expostos a lidar com perdas, apegos e separações como um dilema ou tentativa de nos adaptarmos às novas circunstâncias da vida.

Quando situações de perdas, separações e apegos são vividas pelos adolescentes e suas famílias, a passagem da infância para a adolescência pode ser uma experiência de medo e insegurança, pois essa fase da vida caracteriza-se pela necessidade de se separar do modelo anterior da criança para atingir a nova fase da vida adulta.

As famílias com adolescentes, por um lado, assumem a função de cuidados e procuram proporcionar um espaço afetivo mais profundo. Por outro lado, as dificuldades atuais se impõem, quando tentam auxiliá-los na integração e convivência social, cultural, educacional e de trabalho. Diante do cenário especificamente brasileiro cheio de desafios, mas também de oportunidades, hoje podemos contar com uma legislação recente, que pode colaborar para transformar o adolescente em cidadão, com seus direitos e deveres. No momento, apesar dos respaldos legais, não basta citar leis que validem o adolescente como ator social participante e cidadão, nem citar o contraste de sentimentos que as famílias e seus filhos adolescentes vivem, ou que tantos conflitos compartilham. Nessa fase da vida e no momento atual, a adolescência é experimentada em diferentes contextos sócio-econômicos e culturais. Em classes sociais menos favorecidas, a adolescência parece começar e terminar mais cedo, enquanto nas mais favorecidas também parece se iniciar mais cedo, porém terminar mais tarde.

As incertezas e as dúvidas em famílias, escolas e comunidades são resultado das alterações rápidas de uma sociedade que hoje vive entre gerações de adultos, crianças e adolescentes em contraste de pensamentos e valores. Dificilmente esses valores de referência de vidas são continuados e compartilhados entre filhos, pais e avós, que por sua vez convivem entre si ou até compartilham o mesmo espaço físico.

A cultura do “descartável”, caracterizada pelo movimento frenético do consumo, somada às experiências entre três gerações em convívio com a situação de recasamento familiar, demanda uma preocupação e necessidade de investimento e estudos para a compreensão do funcionamento de toda uma sociedade e seus novos padrões de convívio.

A “des-historiação” e o precário valor dado à subjetividade, quando se refere ao pensamento reflexivo, dão espaço ao descartável e à banalidade de

padrões éticos de preservação humana. As mudanças estruturais da família contemporânea em situações de separações, divórcios e recasamentos com filhos adolescentes, emergem como um dos fatores sociais a serem investigados na tentativa de se co-construir instrumentos mais eficientes que possam atender uma demanda emergente na área da saúde mental.

Nesta pesquisa não temos, *a priori*, a intenção de investigar, como principal foco, a idade determinada das crianças dessas famílias, na ocasião em que os seus pais se separaram. Certamente esses dados serão identificados por meio da entrevista, obtendo como informação complementar o grau de adaptação à família de convívio atual e a compreensão de seu funcionamento.

Capítulo VI

MÉTODO

Para o conhecimento e aprofundamento das questões que permeiam o tema proposto, a intenção desta pesquisa se volta ao conhecimento qualitativo dos vínculos e padrões co-construídos pela família recasada com filhos adolescentes, sob o olhar do adolescente em convívio com essa família. O objetivo norteia-se pelas questões: de que modo ocorre a nova parceria entre os cônjuges; as histórias anteriores de uniões conjugais; as histórias de origem dessas famílias; o nascimento dos filhos consangüíneos, enteados e meios-irmãos; seus padrões de lealdades, regras e comunicações; a negociação e criação de novos padrões familiares em seu novo contexto sócio-cultural e educacional. A investigação considera fundamentais as expectativas, responsabilidades e preocupações da família como instituição primária, formadora de indivíduos capazes de adaptação ao contexto social atual.

A pesquisa tem o objetivo mais específico de conhecer como o adolescente percebe a organização e negociação dos padrões de lealdade, comunicação e regras em suas famílias de domicílio, após o recasamento de seus pais.

A natureza desta pesquisa é qualitativa, pois tem por intenção construir novos saberes e significados por meio de estudos de casos de família após separações ou divórcios vividos anteriormente, no período da adolescência dos filhos no momento atual. Possui como proposta a ampliação e a co-construção de novos conhecimentos e não a quantificação e explicação. A partir dos resultados obtidos, a análise seguiu o caráter descritivo, por meio dos dados coletados como resultado de minha interação na condição de pesquisadora participante. Esses resultados foram organizados em categorias temáticas, descritas na construção de cada Genograma e entrevista semi-estruturada. Neste sentido, o método qualitativo

de análise de conteúdo dos casos em estudo pôde responder mais competentemente às indagações propostas.

Segundo Louis Smith (1990), a pesquisa qualitativa enfatiza a necessidade de cuidados por parte do investigador, ao escolher a problemática que irá focar e dar rumo à pesquisa. O pesquisador poderá se deparar com motivos pessoais, de personalidade e subjetividade, colocando em risco os resultados obtidos através de inferências, pré-julgamentos ou hipóteses antecipatórias, deformando a escuta do participante.

O pesquisador como ouvinte é aprendiz e participante da verdade do outro, pois sua presença exerce a função de responsabilidade compartilhada na construção de realidades. Portanto, a inter-subjetividade estará presente no processo dessas interações durante o conhecimento e na construção de papéis e funções dos personagens investigados, localizados em suas histórias, famílias em seus contextos e em suas redes sócio-culturais.

A modalidade de escolha de estudo de caso como delineamento desta pesquisa baseou-se nas referências fornecidas pelo discurso entre o entrevistado e o pesquisador. Portanto, seu resultado depois de analisado não foi considerado como um fenômeno individual, pois foi construído durante a interação entre os dois participantes. Os fatos foram narrados a partir da relação consensual mínima de entendimento de linguagem entre os participantes da pesquisa. Para que se possamos compreender como as representações de significados de momentos históricos de vida, sem contudo, defendê-las como verdades absolutas, o registro dos acontecimentos narrados teve a finalidade de legitimar essas histórias em um dado momento e contexto social. É necessário, por outro lado, salientar que as histórias possuíam a propriedade de não se reproduzirem. Nesse sentido, quando os participantes narravam suas histórias de vida, a transformação de significados sempre era considerada. As experiências vividas pela pessoa que narrava a sua história tinham como função, nesse entendimento, tê-la como referência própria, no modo como foi arquivada em sua mente.

Grandesso (2000, p. 206), compreende que:

as narrativas decorrem das tentativas humanas de se relacionarem por meio do discurso, tendo sua coerência derivada não da estrutura absoluta do texto em si, mas da ação conjunta entre narrador e o ouvinte (Grandesso, p.159, apud Bakhtin, 1992, p. 316).

A intersubjetividade entre o pesquisador como participante da pesquisa e o narrador de suas histórias estava presente durante todo o processo interativo.

A busca de conhecimento sobre o tema proposto, durante as entrevistas, ia se complementando à medida em que os dados se encaixavam como pertinentes ao objetivo principal, até que se esgotassem como informações satisfatórias.

Ao final da entrevista, seguindo essa metodologia, foi possível verificar e melhor compreender, bem como analisar, a experiência da entrevista como produto relacional entre entrevistado e entrevistador, considerando o valor ou significados de situações contextuais familiares.

Participantes:

Os adolescentes entrevistados eram residentes da cidade de Santos, do sexo feminino e possuíam de 17 a 17 anos e meio de idade, na época da entrevista. Eram filhos de casais recasados há cerca de 8 a 12 anos, convivendo desde então no mesmo domicílio. Foram entrevistados 3 adolescentes, que descreveram, sob sua ótica, o funcionamento de suas atuais famílias de convívio. Os pais biológicos estavam separados de seus casamentos anteriores há pelo menos 8 anos.

Instrumentos:

A modalidade de entrevista semi-estruturada escolhida para a pesquisa permite ao entrevistador construir novas representações de significados a partir da ampliação de questionamentos essenciais e pertinentes à pesquisa. Seguindo esse modelo reflexivo foi possível observar eventuais indagações surgidas no espaço relacional entre os participantes da entrevista. Esse processo facilita e auxilia ao fornecimento de dados que possam apontar a transformação dos significados e do modo de perceber as histórias de vidas de seus interlocutores.

O Genograma como instrumento está sendo utilizado para representar graficamente a família em seu plano multigeracional, facilitando também a compreensão de como se processam as interações e relações familiares em sua própria história. Assim graficamente representadas, podem ser verificadas novas formas de dar significados a essa mesma história de vida.

Cerveney (1994), ao citar Guerin e Pendagast (1976), comenta que tais autores consideraram o Genograma como “mapa viário” do sistema de relações familiares. A autora ainda cita McGoldrick e Gerson (1985), dizendo que o Genograma é “uma forma para desenhar a árvore familiar que registra informações sobre os membros de uma família e suas relações pelo menos durante três gerações.”(P.91)

As informações colhidas pelo Genograma de um sistema familiar refletem o caráter da estrutura dos vínculos e de seu funcionamento. A análise destas informações pode ser efetuada através de duas leituras, uma horizontal, do contexto familiar atual, e outra vertical, através das gerações.

Cronologia da família foi um termo utilizado por McGoldrick e Gerson (1985), para as informações elaboradas junto ao Genograma. Para esses autores, citados por Cerveney (1994) o termo “consiste uma relação ordenada de fatos importantes na história da família que poderá ter afetado o indivíduo” (p.98).

Cervený (1994, p.98), destaca a argumentação de Berestein (1979):

cada família ordena seus acontecimentos vividos num tempo que retém todas as características da estrutura familiar. Quando os membros de uma família relatam sua história como grupo, eles lembram conscientemente alguns acontecimentos passados, certamente importantes e gravados por eles na memória, mas esquecem também alguns episódios e ocultam outros possivelmente não menos importantes. Os acontecimentos lembrados são ordenados a partir da organização atual da família e muitas vezes contribuem para explicar algumas de suas contradições. O tempo se transforma num marco onde se colocam não só os acontecimentos vividos, mas também a relação entre todos eles (p.187).

Para o estudo que aqui me propus com as famílias recasadas na fase adolescente, em seu novo arranjo parental, foquei a investigação a partir das datas de separações anteriores e as histórias de vidas percorridas desde então até o momento atual. Para tal, foram narradas as histórias de vidas pelo filho adolescente dessa família, tendo como instrumentos o Genograma e a entrevista semi-estruturada. Os dados colhidos continham informações que forneceram o conhecimento de como eram construídos e negociados os seus modelos de lealdades, regras e de comunicações e como os transmitiam intra e intergeracionalmente.

Durante o desenvolvimento das narrativas, outros dados significativos, porém subjacentes, foram considerados. Esses dados poderiam ainda trazer conteúdos dos padrões de investigações acima propostos, subjetivos e/ou determinantes e presentes nos vínculos familiares, dando o contorno e a direção para a construção da pesquisa. Portanto, é necessário salientar que as informações fornecidas pelos entrevistados caracterizaram-se pela comunicação espontânea de dados que pudessem ser levados em consideração para a oportunidade de reconstrução de suas próprias histórias familiares e de re-significação dessas. Podemos perceber, no entanto, que algumas questões se modificaram entre as entrevistas, na medida em que a necessidade de maior clareza para a coleta das informações se delineava, permitindo o surgimento de maior abertura para outros dados, condizentes e complementares à informação das categorias a serem analisadas.

Procedimento:

As entrevistas individuais realizadas na pesquisa ocorreram na residência dos adolescentes convidados, em horário anteriormente combinado, com a duração de aproximadamente uma hora e meia, gravadas com a autorização prévia do entrevistado, para posterior transcrição feita por mim.

Alguns colegas de minha atividade profissional acadêmica indicaram os casos para esses estudos. A indicação seguiu o padrão e critério, por mim estabelecidos, para a realização da pesquisa pertinente ao tema.

O ambiente onde as entrevistas foram realizadas foi escolhido de acordo com o que melhor pôde proporcionar como privacidade e menor grau de interferência externa possível, por parte de outros componentes da família.

Os contatos iniciais com os adolescentes foram pessoais e por telefone. Por esse meio foram comunicados alguns objetivos, os mais importantes, e a intenção da pesquisa. Os detalhes e procedimentos foram fornecidos no dia da entrevista, antes de se iniciar o processo. Nessa mesma etapa, a seguir, os pais dos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ao concordarem com o prosseguimento da entrevista.

Inicialmente as entrevistas tinham como objetivo coletar dados e, concomitantemente, desenvolver entre os participantes uma relação íntima, confiante, acolhedora e, acima de tudo, de respeito. A intervenção permitiu criar oportunidades para que se pudesse configurar o estudo da população por amostra convenientemente indicada e selecionada.

O entrevistador, em sua consciência de assumir uma postura co-participativa, deve ter o cuidado de não introduzir elementos novos no material relatado, permitindo que aí surja um espaço de reflexão, auto-observação e criação, onde as subjetividades presentes estão em constante interseção.

Inicialmente foram estudadas três famílias em condição de recasamento de pelo menos um dos pais biológicos do filho adolescente, em convívio no mesmo domicílio familiar. A proposta dessas entrevistas tinha como finalidade coletar os dados, que serviriam para delinear a problemática e categorização dos temas e conteúdos a serem analisados.

As informações fornecidas pelos adolescentes, por meio das entrevistas semi-estruturadas, foram representadas por meio do Genograma dessas famílias, que passaram por histórico de separações anteriores há pelo menos 8 anos. As narrativas foram construindo e re-significando conteúdos que poderiam revelar a identidade do grupo familiar atual, onde os personagens, papéis e funções se localizariam na história e em seu cenário sócio econômico e cultural.

Durante o desenvolvimento das narrativas de cada indivíduo da família, outros dados complementares significantes e subjacentes poderiam surgir, ou serem percebidos pelo pesquisador, desde que eles se mostrassem relevantes para a investigação.

O percurso das narrativas da história de vida de cada membro da família mostrou o contorno e a direção da pesquisa. Os relatos fornecidos pelos entrevistados foram transcritos pelo pesquisador, logo após a narrativa destas, com a permissão prévia do informante.

Os Genogramas das famílias foram construídos a partir das narrativas dos participantes, com a participação da entrevistadora, e foram representados em papel sulfite, lápis, borrachas e canetas coloridas.

Os símbolos utilizados para a representação e construção do Genograma seguem os padrões estabelecidos e propostos por McGoldrick e Gerson (2001) e citados por Cerveny (1994).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo como instrumento a entrevista semi-estruturada e a construção do Genograma, procurei explorar, descrever, interpretar e analisar cuidadosamente os conteúdos das entrevistas, de onde surgiram temas pertinentes ao processo de categorização, considerando o que se desejava conhecer.

Os conteúdos surgidos durante o processo de pesquisa podem ser evidenciados na resposta à seguinte questão: Como a família atual administra seus antigos e atuais padrões de lealdades, regras e comunicação? Depois de um item introdutório, desdobrei a respostas, abordando cada um dos padrões.

Considerações Gerais:

Minha proposta foi conhecer melhor e analisar o conteúdo das entrevistas, para poder cercar as categorias de lealdades, regras e de comunicação familiar atual, levando em consideração a questão da tendência de flexibilidade desses padrões construídos na família de segundas núpcias, citados por Pascual (1992). Investiguei o que caracterizava essa tendência e se esta se associava com as questões de cuidados e limites da família anterior. Sabe-se *a priori*, através da literatura psicológica com famílias recasadas, que a vivência de experiências traumáticas, como por exemplo, a própria desintegração familiar, são experiências profundamente dolorosas. Essas vivências, como experiências traumáticas, ou seja, não entendidas pela família no processo de separação, podem também gerar a

reprodução de padrões de comportamentos violentos, colocando em risco a continuidade da nova condição da família, como grupo, em sua capacidade de continência e preservação de seus componentes.

As análises seguiram idéias de construções complementares do ponto de vista da realidade concebida por meio do “pensamento dialógico”, como expressão múltipla da realidade.

Pensando nessa vertente, Grandesso (2000) traz a sua contribuição em seus estudos sobre a construção do significado, citando Bateson (1972):

tudo o que é conhecido traz, inevitavelmente, a marca das lentes do sujeito que conhece, sendo histórica e espacialmente situado. (...) *tudo o que é emocionado traz a marca das histórias vividas e das histórias encarnadas que constroem o campo de sentido*, por meio do qual atribuímos o significado às nossas experiências (Grandesso, 1988 a, apud 2000, p. 277, grifos nossos).

Ao pensar nas famílias entrevistadas, nas quais os adolescentes focaram seus olhares para os modelos de *comunicação, regras e lealdades*, podemos notar a interdependência dos conceitos como também o modo de como esses conceitos são administrados por meio de negociações. Os padrões subjetivos impressos na forma de perceber a realidade mostram as inúmeras formas e diferentes interpretações possíveis. O adolescente na família que vive o recasamento dos pais tenta dar sentido para a sua atual realidade, à medida que vai encontrando o encaixe de suas experiências anteriores de família com a atual. Quando não consegue a correspondência para entender os fenômenos da realidade subjetiva e objetiva, ele tenta construir em seu pensamento a melhor forma de adequar a experiência em sua vida.

A tentativa de manter o movimento de *homeostase* está presente em todas as famílias entrevistadas, fazendo-se notar a necessidade de flexibilização de seus padrões por todos os componentes. Mas é notório observar que cabe ao adolescente dessas famílias a maior tarefa para realizar a devida negociação, pois, em sua ótica, os adultos nem sempre cumprem a contento esse papel.

Para ilustrar esse movimento, N. demonstra como ela lidava com a situação de desentendimentos e discórdias quanto às regras de seus pais biológicos:

N.: “(...) *minha mãe não queria que eu viesse para cá, ela sentia ciúmes...Aí eles brigavam muito. É como eu digo aos meus amigos: Vocês preferem o quê? Ter seus pais separados numa boa, ou juntos brigando? Aí, eles dizem: “Separados numa boa”. É, eu tenho os meus separados e brigando. Eles têm que viver do jeito que eles preferem, né ?! Eu não tenho nada a ver com isso. Quem são casados, são eles. Só não quero que sobre para o meu lado.*”

De modo geral, percebemos algumas evidências de criação e transformação da família recasada por meio dos conteúdos narrados das histórias de vidas das entrevistadas, característicos do movimento da *morfogênese*. Contudo, observamos o empenho que essas adolescentes demonstraram para manterem-se incluídas em seus grupos familiares, ao flexibilizarem e negociarem seus padrões de convivência. Como exemplo disso relato um trecho da narrativa de A:

A.: “(...) *a gente às vezes tem que ser muito a gente mesmo prá algumas coisas e prá outras a gente tem que ser meio “política”, sabe...Nem sempre a gente pode falar o que pensa, senão a gente descontenta alguém. E às vezes a gente precisa se agarrar em algumas idéias, para não se perder. Mas acho que eu fiquei mais aberta prá vida, diferente de meus pais. É ‘irado’.*”

A dificuldade da família em se tornar adaptada aos novos modelos ocorria logo no início de sua composição, na própria mudança da estrutura familiar. A referência dos padrões implícitos e explícitos impostos pelos personagens representantes da autoridade da família tendiam a ser conservados à medida do possível e, quando muito, transformados, sem grandes mudanças efetivas. Essa transformação ocorria em meio à fase transitória dos pais em seu ciclo vital adulto e a adolescência de seus filhos, onde ambos reavaliavam e questionavam seus próprios conceitos e valores. O cenário familiar percebido por meio das histórias narradas mostrou-se confuso no início de suas reorganizações. Duas entrevistadas conseguiram enfrentar as dificuldades encontradas com mais sucesso do que a outra.

A família de A. possuía mais dificuldade em negociar e encontrar seu próprio estilo de viver e conviver no contexto de recasamento dos pais biológicos, pois pareciam direta e indiretamente influenciados pelos padrões menos flexíveis da família de seus avós paternos e de sua mãe.

A.: *“(...) Minha mãe não deixava (conviver com o pai) e depois ele se casou, teve um filho. Aí esse casamento não deu certo e ele se casou novamente (...) E, quando fui prá São Paul, minha avó, porque era sempre minha avó, mãe do meu pai, que escolhia onde eu tinha que estudar e que sempre pegou no meu pé nos estudos, ele é ‘frenética’, ela também escolheu lá, outra escola de irmãs (freiras).(...) Mudei muito de casa, de amigos e de escola. Quando eu tava me acostumando com um lugar, eu tinha que me mudar (...)as coisas eram muito pela cabeça da família do meu pai. E minha mãe ficava muito brava. Às vezes até não deixava eu ir lá.”*

Os impedimentos de veiculação dos padrões aqui estudados no sistema familiar, que pudemos entender como obstáculos presentes na subjetividade de cada integrante, mostraram-se decisivos para dificultar o funcionamento mais estável da família e suas relações inter-pessoais na maioria das vezes, impedindo a ocorrência de melhor interação reivindicada para o aprimoramento do movimento de *feedback*.

Algumas formas de obstáculos presentes na veiculação do movimento familiar, como as de qualidade emocional, se apresentaram por meio de atitudes de ciúmes, competição de poder de autoridade, hostilidade, isolamento, alianças, triangulações e de atitudes de comportamentos restritivo para contatos pessoais com outros parentes. Nessa ordem reflexiva, percebemos as implicações contidas na necessidade de negociação de padrões, como o processo reflexivo de maior fluência para a reorganização e construção de novas de idéias e modelos subjetivos que permitam maior confiabilidade entre todos os seus integrantes.

Comunicação:

Ao se considerar a categoria da *comunicação*, notou-se a maior fluência de comunicação e confiança com os meio-irmãos, presentes nas narrativas das histórias das famílias das entrevistadas, revelando dificuldades de aceitação das condições da composição da família recasada, principalmente por parte das adolescentes. Como exemplo, podemos citar:

N.: *“Meu irmão, meu irmão mais velho, meu irmão ...eu brigo mais porque ele está naquela idade chata da adolescência, é “xarope”. Mas a gente se dá bem. Bem melhor quando não tem ninguém em casa.”*

A., quando se referia à consideração da atual composição familiar, incluiu seus meio-irmãos, mas possuía dificuldade de vínculo com as esposas anteriores de seu pai. Ex.:

A.: *“Meu irmão sim, mas ela, (referindo à mãe de seu irmão mais novo)...não gosto de gente ignorante. Ah, ...mais ou menos...ela é muito ignorante.”*

No caso de S., quando investiguei para quem ela podia confiar um segredo, ficou evidente o grau de intimidade e comunicação com sua meia irmã com quem hoje convive no mesmo domicílio:

S.: *“Ah, ...prá minha irmã. E ela pra mim”.*

Mais adiante, S. falou dos filhos de seu atual padrasto e a maior facilidade de comunicação com estes, supondo-se entender que a condição de vida deles na relação com o recasamento de seus pais os aproximavam mais.

S.: *“(...) quando vem as filhas dele pra casa, de quinze em quinze dias, elas dormem no quarto da gente, mas assim é super natural, todo mundo se fala.”*

Foi possível notar a omissão de mensagens verbais, camuflando intenções não condizentes com as atitudes explícitas.

N.: “(...)meu pai não me encobre muito(...) Ela (a madrasta) me encobre e tenta convencer meu pai de algum programa que eu quero fazer(...)”

A.: “Ah ...é que a gente tem que ser muito a gente mesmo pra algumas coisas e pra outras a gente tem que ser meio ‘política’, sabe...Nem sempre a gente pode falar o que pensa, senão a gente descontenta alguém. E às vezes a gente precisa se agarrar em algumas idéias, pra não se perder(...)”

S.: “(...) o meu padrasto fica na dele. Mas se ele fica bravo com alguma coisa, ele vai lá e fala pra minha mãe. E a minha mãe fala prá gente(...)”

Por meio das falas de N. e S., constatamos a presença de triangulações em suas relações familiares atuais. A triangulação nesses casos teve a função de conter e mediar tensões entre os dois outros membros envolvidos, como tentativa de equalizar os vínculos e promover a qualidade afetiva do grupo familiar.

O isolamento das adolescentes, por vezes ficou evidente, pela dificuldade de intimidade e afeto revelada através da convivência por parte de um de seus genitores, de um de seus pais substitutos ou mesmo de sua família extensa como avós e meio irmãos.

N.: “(...) Minha mãe não é nada carinhosa. Minha mãe, não pode encostar nela. Ela não gosta de ficar pegando. Meu pai já não. Meu pai...A M. (Madrasta) também não gosta de ficar pegando, de ficar encostando. Mas ela demonstra carinho de outras formas (...)”

A.: “(...) Ele (pai biológico) é um pouco desligado e acho que ele acaba falando pra mulher dele ou minha avó me ajudarem. Meu pai acho que não ta acostumado a ser pai e às vezes ele exagera um pouco quando briga comigo também.”

S.: “(...) A família do meu pai era mais distante. Só em dias de festas que a gente se via mais (...) A gente se falava, mas pouco (meio-irmãos paternos), porque meu pai se separou da mãe deles para ficar com minha mãe. Era difícil porque a mãe deles sempre falava alguma coisa pra gente não se ver. Sempre ficou aquela coisa assim. Com minha mãe, tudo bem, mas com a mãe deles era difícil. Ela não deixava muito a gente se ver. Eles quase não falavam comigo. Até hoje, eles cresceram, eles têm educação, daí a gente conversa, mas não tem vínculo (...)”

Regras:

As *regras* familiares analisadas como categoria dessa pesquisa veicularam por meio das narrativas das adolescentes entre padrões culturais de caráter conservador e contemporâneo de estilo de vida familiar, de ordem moral íntima da família e social, econômico, educacional e de crenças. As transformações dessas regras foram ocorrendo na medida em que as mudanças na composição familiar aconteciam, bem como as mudanças de domicílios, cidades e estados. De modo geral, na visão das adolescentes as regras eram melhor compartilhadas e negociadas em suas famílias atuais do que em suas famílias anteriores.

N.: *“(...) minha mãe não tava muito em casa, minha mãe ficava trabalhando e não ficava muito ao par das coisas. Então meu pai ficava preocupado. Mas minha mãe, também punha regras porque eu vivia com ela.”*

A.: *“(...) Minha mãe fala dos horários da rotina de casa e meu padrasto também. Mas meu padrasto é mais exigente (...) com meu pai é diferente, acho que é porque ele é homem e porque tô mais acostumada com minha mãe. Não, ele é legal como pai, ele é próximo, tenta fazer de tudo pra me agradar, fala comigo às vezes como se fosse meu amigo e às vezes não, ele tenta ser autoridade”*

S.: *“Como meu pai não ficava em casa, então era minha mãe (quem dava as regras). Minha mãe sempre foi daquelas mulheres que manda nas coisas. E quando ela quer ajuda tem que ser do jeito dela, sempre foi assim. Sempre foi a minha mãe a referência.”*

As *regras* familiares, sob a ótica das adolescentes, pareciam possuir pouca flexibilidade para negociações em algumas situações, por outro lado certo afrouxamento em outras, que poderiam definir melhor suas condutas. A negociação desses padrões estava presente no comportamento de mães e madrastas incumbidas da tarefa de mediar as relações familiares, facilitando principalmente o acesso aos padrastos e pais. A melhor aceitação das regras da atual família historiada estava intimamente relacionada às dificuldades das adolescentes em aceitarem os substitutos de seus pais, padrastos e madrasta, que compunham o novo arranjo familiar. O ciclo vital da adolescência é caracterizado por uma fase transitória e delicada, carregada de conflitos pessoais de valores. Esse contexto favorecia dificuldades relacionais capazes de construir novos modelos

consensuais para a definição e negociação de regras. Nesse cenário, constatou-se a equivalência de conflitos de valores dos pais caracterizada pela fase madura de seu Ciclo Vital vividos naquele momento.

Lealdades:

As *lealdades* familiares implícitas e explícitas das famílias estudadas foram analisadas como categoria, considerando a evidência do movimento de apego e rompimento de padrões na interação com as famílias de origem dos pais das adolescentes, como crenças, cultura, sexualidade, gênero e classe social. Notou-se a exigência de respeito desses valores para com os filhos, enteados, meio-irmãos, irmãos, pais, padrastos, madrastas e outros parentes da família extensa. Foi notada a presença de alianças entre irmãos, entre enteada e madrasta, pai e filha, como tentativa de preservação de intimidade e confiabilidade. As transformações e mudanças nesta ordem nos permitiram constatar a dificuldade da família recasada, na fase do ciclo vital da adolescência, em manter vínculos sociais mais ampliados e estáveis.

As relações entre os antigos parceiros dos pais das adolescentes permaneciam tênues e conflituosas desde a separação do casal, dificultando a co-construção de novos modelos de referência importantes para a formação de suas identidades.

N.: *“(...) Ela (madrasta) me encobre e tenta convencer meu pai de algum programa que eu quero fazer (...) Meu irmão (...) Ele me respeita como irmã mais velha (...) Quando a gente está só em casa, logo resolve com o outro o problema e já tá bem com o outro.”*

A.: *“Minha família, a do meu pai, acha que eu devo estudar alguma coisa mais séria como Direito, Medicina, que devo me esforçar mais para uma profissão. Minha mãe acha legal Hotelaria. (...) quero ter meu próprio negócio (...) A gente vai mudando, Só que tem coisas que não. (...) é que a gente às vezes tem que ser muito a gente mesmo pra algumas coisas e pra outras a gente tem que ser meio ‘política’, sabe...Nem sempre a gente pode falar o que pensa, senão a gente*

descontenta alguém. E às vezes a gente precisa se agarrar em algumas idéias, para não se perder. Mas acho que eu fiquei mais aberta pra vida, diferente de meus pais. É 'irado'.

S.: (...) Tudo era na casa da minha avó, da mãe da minha mãe (...) Ela era muito de ficar lá em casa, dormir lá em casa, ou a gente ir para a casa dela (...) Quando fui crescendo era total minha irmã. Até porque a gente veio pra cá. A gente veio praticamente sem família, pra cá. (...) Família que eu conto mesm, é eu, minha mãe e minha irmã. (...) Eu fui me acostumando com as mudanças que às vezes eram difíceis, como ficou sem minha avó. Mas tudo vai mudando. As coisas não são perfeitas. Eu aprendi cedo isso, a não esperar muito. Assim as coisas ficam mais naturais.”

As constantes necessidades apresentadas para as negociações familiares nesse estudo estavam presentes nas narrativas das participantes das entrevistas. Tal reivindicação tornava-se mais clara à medida que a família delineava um estilo de vida particular, considerando infinitas variáveis possíveis de se encontrar em cada momento em que suas histórias eram contadas.

Segundo o dicionário Aurélio (1999), o termo “estilo” tem o sentido de: *“maneira de exprimir o pensamento falando ou escrevendo;... maneira de tratar, de viver, procedimentos, conduta, modos;... uso, costume, prática... maneira ou traço pessoal no agir...”*

Como referência à definição e utilização do termo acima mencionado, podemos entender a família recasada com filhos adolescentes desta pesquisa, com um estilo de vida próprio e particular, característico dessa fase, na qual todos os componentes em convívio compartilhavam de semelhantes dificuldades, conflitos e questionamentos de valores, mas que também buscavam alternativas para a construção de modos de vidas capazes de evolução e preservação de seus integrantes. Assim, entendo que, ao concluir a análise das entrevistas contidas nesta pesquisa, pude verificar como a família em tais condições se articulava, satisfazendo a indagação contida em seu objetivo proposto: *como o adolescente percebe a organização e negociação dos padrões de comunicação, regras e lealdades em suas famílias de domicílio, após o recasamento de seus pais.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que pude ter atingido o meu objetivo principal disparador de minha curiosidade em entender melhor e ***conhecer como o adolescente percebe a organização e negociação dos padrões de comunicação, regras e lealdades em suas famílias de domicílio, após o recasamento de seus pais.***

Talvez a experiência de entrevistar três jovens adolescentes em contexto de recasamento de seus pais não seja o suficiente para explicar “tudo” o que é possível conhecer a respeito de como se negociar as regras, comunicação e lealdades. Trata-se de um recorte que não tem a pretensão generalista, mas sim o relato de histórias particulares, focada na interação e na construção subjetiva compartilhada entre o indivíduo que narra a história, seu contexto familiar e o pesquisador.

Compreender a experiência de cada adolescente e suas histórias familiares em contexto de recasamento de seus pais pode também se assemelhar a tantas outras experiências familiares em semelhante condição, o que nos faz entender a importância de continuidade de variações de pesquisa que envolva esse tema.

O processo sócio-cultural contemporâneo em constante transformação pressupõe a instabilidade do mundo e a família em sua organização também muda. O divórcio no Brasil trouxe-nos a liberdade da reconstrução familiar legitimada para a possibilidade de novos arranjos. A percepção do adolescente convivendo com seus pais em situação de recasamento nos fornece dados importantes de seu funcionamento enriquecendo a nossa compreensão, de como essa organização complexa, interligada com outras organizações familiares em convivência se relaciona.

Foi importante constatar que na família recasada com filhos adolescentes os seus componentes interagem como um sistema organizado complexo, no qual as intersubjetividades compartilhadas se processavam por meio da qualidade de comunicação, percorrendo e interligando outros padrões como regras e lealdades construídas entre a família atual e a família extensa. O grau de sofrimento ou dificuldades, assim como o de bem estar estavam intimamente ligados a esses padrões e puderam ser observados pelo movimento da necessidade de pertencimento a uma referência mais estável para todos os seus integrantes.

A parentalidade na família recasada é vivida em processo de adaptação a essa condição e status social. A capacidade adaptativa dessa família, considerando seu potencial para flexibilizar e negociar padrões de interação, a capacita para a ampliação de seus recursos na efetivação de vínculos pessoais e de sua rede social, pois entendemos que haja uma equivalência encontrada na articulação desses padrões subjetivos contidos na família e fora dela.

Evidenciou-se a necessária construção de vínculos de confiança mais estáveis capazes de promover a família em seu contexto particular e ampliado. As negociações de padrões de comunicação, regras e lealdades estavam intimamente ligadas ao grau de confiabilidade estabelecida na família, na qual se subentendia que a linguagem estivesse presente como recurso de acordos consensuais mínimos na relação de troca e reciprocidade.

O principal papel e função da família recasada no mundo atual, no estudo feito com filhos adolescentes, foram relacionados com o grau de importância de adaptação e convívio entre os seus componentes. Aos pais coube a função ampliada de favorecer qualitativamente o crescimento dos filhos adolescentes para o futuro ciclo de vida adulto, oferecendo-lhes o apoio emocional suficiente, tornando-os capazes de construir suas próprias vidas familiares e suas redes sociais.

Para o adolescente que vive o padrão *on-line* da vida contemporânea globalizada, tudo tende a ocorrer em tempo real, imediato e de rápida passagem. Nesse sentido podemos perceber esses jovens como parte do mundo contemporâneo, diante da liquidez dos padrões de convívio, em que pouco se garante como estabilidade e permanência de modelos de vínculos. O que nos parece ser menos rarefeito é o padrão cultural capitalista que dita o comportamento

humano atual para padrões de consumo, embora alimente também a rápida passagem daquilo que é conquistado. A família, nessas condições, necessita encontrar uma nova ordem capaz de gerir tais processos e demandas, capazes de servirem de referência com potencial reflexivo e negociável.

Sendo assim, a família de modo geral, e especificamente a família recasada com filhos adolescentes do mundo ocidental atual, está mais sujeita a viver experiências de separações e divórcios, aumentando o índice de novos arranjos de convivência familiar.

Quanto à família brasileira, como já foi citado, pode contar com uma legislação mais adequada no encaminhamento e na transformação dos adolescentes em cidadãos participantes e autores de suas próprias histórias, com seus direitos e deveres sociais, levando em conta as particularidades que cada contexto impõe. Nessa vertente de entendimento, um dos principais complicadores para o reconhecimento dos adolescentes para essas condições de vida é o risco da “des-historiação” de suas identidades, em que a atividade reflexiva é pouco exercida dentro e fora da família, por se constituir em algo de pouco valor.

Ao me incluir como participante da pesquisa proposta gostaria de enfatizar a importância da subjetividade do pesquisador na construção de realidades derivada da interação pessoal no processo da pesquisa qualitativa, citando Maturana (2005):

(...) o observador percebe que as descrições podem ser feitas tratando outras descrições como se fossem objetos ou elementos do domínio de interações (p. 233).

Percebemo-nos num mútuo acoplamento lingüístico, não porque a linguagem nos permita dizer o que somos, mas porque somos na linguagem, num contínuo ser nos mundos lingüísticos e semânticos que geramos com os outros (p.257).

Gostaria de pontuar ainda, sobre minhas próprias mudanças e concepções profundas de vida ao me perceber emocionalmente envolvida pelas histórias narradas nesta pesquisa, levando-me a acreditar na construção infinita de possíveis realidades e padrões de cultura por meio da conversação.

Voltando a citar Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner em sua obra *Amar e Brincar* (2004), resalto a importância da criação do espaço psíquico:

Nós, seres humanos, existimos num domínio relacional que constitui nosso espaço psíquico como âmbito operacional no qual todo nosso viver biológico, toda a nossa fisiologia, fazem sentido como forma de viver humano. O espaço psíquico é o domínio em que ocorre a existência humana como modo de relacionamento com os outros e consigo mesmo (p.23).

A necessidade continuada de investigação dentro de um espaço dialógico, para o conhecimento de outras possíveis realidades de viver em família, é recomendada. Porém, especificamente ao se tratar da atual demanda de necessidade de conhecimento de padrões gerados no âmbito da família recasada que vive a adolescência em seu ciclo vital, considera-se pertinente a maior atenção para a continuidade de pesquisas participativas acadêmicas que possam enriquecer e contribuir, com seus resultados qualitativos, como soma de recursos instrumentais do profissional ao atender famílias e seres humanos.

Conhecer a família organizada por recasamento dos cônjuges e com filhos adolescentes como grupo familiar em convívio, com irmãos e meio-irmãos, além das nuances que percorrem o seu sistema parental no mundo contemporâneo, requer o conhecimento da construção e concepção de suas raízes culturais, seus padrões e significados contidos subjetivamente nas comunicações interpessoais e sociais. Através dessa perspectiva será possível explorar conteúdos de significação e re-significação, implícitos culturalmente entre as pessoas envolvidas nesse sistema de relações que se influenciam entre si e com a rede social, numa tentativa de se transcender o saber científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDOLFI, E. H. *A Crise do Casal*. Porto Alegre: Artmed ed., 2002.

BERTHOUD, C. M. E. *Re-Significando a Parentalidade*. Taubaté, Cabral Editorial Universitária: 2003.

BOSZORMENYI – NAGY, I.; SPARK, G. M. *Lealdades Invisibles. Reciprocidad en terapia familiar intergeneracional*. Buenos Aires, Amorrortu: 1973.

BRUN, G. *Pais, Filhos & Cia. Ilimitada*. Rio de Janeiro, Record: 1999.

CARNEIRO, T. F. *Casamento Contemporâneo: o Difícil Convívio da Individualidade com a Conjugalidade*. Revista: Psicologia, Teoria e Pesquisa; 11(2): 379-394, 1998.

CERVENY, C. M. O. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas, Editorial Psy II:1994.

_____ (org.) *Família e...Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição*. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2005.

_____ (org.) *Família e...Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos no divórcio, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção sistêmica, Rede Social*. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2006.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. e Colaboradores *Família e Ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, Casa do Psicólogo: 1997.

_____ *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2004.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei no. 8069, 13 de junho de 1990. Diário Oficial da União.

FERREIRA, A. B. H. *NOVO AURÉLIO: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1999.

FOLHAONLINE. *Divórcios disparam e aumenta índice de segundo casamento*. <http://www.1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u128989.shtml>

Acesso em 6/8/2007.

FRIGÉRIO, A. M. G.; ANDRADE, W. T. F.; OLIVEIRA, Y. F. *Revista Multidisciplinar de Comunicação e Cultura Pública*. Santos, Editora Universitária Leopoldianum: 1993.

GIDDENS, A. *Mundo em Descontrole: o que a Globalização está Fazendo de Nós*. Rio de Janeiro, Record: 2000.

GRANDESSO, M. A. *Sobre a Reconstrução do Significado*. São Paulo, Casa do Psicólogo:2000.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos Municípios Brasileiros; PNADS: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. Registro civil de 2001 a 2005*. <http://www.ibge.gov.br>.

LAZO, A. C.G.V. *Nupcialidade nas PNADs-90: Um Tema em Extinção*. Trabalho apresentado no Seminário PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), década de 90, organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Rio de Janeiro, novembro de 2001.

MATURANA, H. e VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo, Palas Athenas: 2004.

MATURANA, H. e VARELA, F. J. *A Árvore do Conhecimento. As Bases Biológicas da Compreensão Humana*. São Paulo, Palas Athenas: 2005.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R. G.; VARELLA, S. *O Levantamento de Informações sobre as Famílias nas PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) de 1992 a 1999*.

MICHAELIS. *Dicionário Eletrônico Michaelis*. Versão 5.0. DTS SOFTWARE LTDA., 1998.

SEAD: Fundação Sistema Estadual de Análise e Dados. *População e Estatísticas Vitais; Registro Civil*. <http://www.sead.gov.br>.

SEVERINO, A. J. *Diretrizes para a elaboração de uma monografia científica*. Cap.V; *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, Cortez:2002.

SLUZKI, C. E. *A Rede Social na Prática Sistêmica*. São Paulo, Casa do Psicólogo: 1997.

SMITH, L.M. *Biographical Method: strategies of inquiry. Handbook of "Qualitative Research*. London, Norman K. Denzin; Yonna S. Lincoln editors. Sage Publications (International and Professional Publisher Thowand Oaks London): 1990.

SOUZA, R.M. *A criança na família em transformação: um pouco de reflexão e um convite à investigação*. Psic. Rev., Revista da Faculdade de Psicologia da P.U.C. –S.P., no.5: 1997.

_____. *Paternidade em Transformação – o Pai Singular e sua Família*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo, PUC: 1995.

VASCONCELOS, M.J.E. *Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência*. Campinas, Papirus: 2003.

WATZLAWICK, P. *A Realidade Inventada*. São Paulo, Psy II: 1994.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo, Cultrix : 2002.

ANEXOS

ENTREVISTAS E GENOGRAMAS

DATA DA 1ª. ENTREVISTA: 13/04/2003

NOME: N.P.R.

IDADE: 18 a.

ESCOLARIDADE: 3º. semestre da Faculdade de Farmácia da UniSantos.

ESTRUTURA DA FAMÍLIA ATUAL:

- **MÃE:** S., 43 a., funcionária pública do Fórum de Santos e S.Paulo.
- **PAI:** A.(júnior), 43 a., professor de 1º. e 2º. graus de matemática.
- **“MADRATA”**(nomeação atribuída pela entrevistanda): M., 36 a., funcionária pública da prefeitura de Guarujá.
- **ENTREVISTANDA:** N., 18 a., estudante universitária – Farmácia.
- **IRMÃO POR PARTE DE PAI:** F., 12 a., 6ª. Série do 1º. grau.
- **IRMÃ POR PARTE DE PAI:** T., 3 a., jardim da infância.

Inicialmente, dentro do horário previsto para o nosso encontro, explico as nossas condições para essa entrevista, as regras, a finalidade e como iríamos desenvolvê-la em suas etapas. Peço para a entrevistada assinar o nosso Compromisso Livre e Esclarecido para proteção e cuidados éticos do conteúdo narrado. Nessas condições, prosseguimos com a história oral narrada e gravada.

Quem são as pessoas que convivem com você todos os dias?

Meu pai, minha madrasta a M., meus irmãos, meus avós por parte de minha madrasta, a N. E a C. (ajudantes). A N. Já tá com a gente há 10 anos, desde que F. era pequenininho.

Como é que sua mãe, seu pai, sua madrasta e seus irmãos convivem com você?

Bem, desde que meu pai veio morar aqui, eu vinha todos os finais de semana. Agora eles são casados (pai e madrasta) há 12 anos.

Como moram, em apartamento?

Num apartamento grande, de 3 quartos e quarto de empregada. Nunca moraram em casa.

Você. Tem um quarto sozinha?

Tinha, né, porque eu acho que minha irmã vai dormir comigo. Por enquanto estou sozinha.

Como as pessoas se falam, em que momento? Vocês acham que vocês conversam bastante? Falam de seus problemas?

Falam. Tudo bem conversado.

Quem dá mais aconchego? Ou quem dá mais colo?

Ah, não sei...o meu pai...fala bastante, o meu pai...dá bastante colo quando falo de algum problema. Por ex. Minha mãe...acho que não tem colo...

Mas tem algum vínculo afetivo?

Ah, tem...

Quem dá mais carinho?

Ah, ...não sei...Minha mãe não é nada carinhosa. Minha mãe, não pode encostar nela. Ela não gosta de ficar encostando e ficar pegando. Meu pai já não. Meu pai...A M. (madrasta) também não gosta de ficar pegando, de ficar encostando. Mas ela demonstra carinho de outras formas. Não é...Existem outras maneiras de dar carinho

Quem é que cuida? Quem se preocupa mais...quem se preocupa com o futuro, se as coisas estão bem...?

Acho que mais a M. É porque ela fica mais em casa e o meu pai não fica muito ligado nas coisas.

A M. Trabalha meio período?

É, trabalha, de manhã. Meu pai trabalha de manhã, de tarde e de noite. Ele dá aula de matemática.

E entre vocês, sua família, tem algum lazer em comum?

É, agora tá mais difícil, né...(refere-se ao tempo ruim, nublado, mudança de estação, apontando para o céu). É que meu pai tá trabalhando todo dia (dias letivos de escola). Como ele é professor, chega final de semana, tem que fazer trabalho em casa. E eu tô na Faculdade e estudo também sábado de manhã. Então só resta domingo. Às vezes a gente vai para a casa da minha avó paterna, ou então a gente vai para a praia...às vezes vamos ao shopping, todo mundo junto. Mas isso é muito difícil, porque homem não gosta de ir ao shopping, né ?!

Voltando ao início de sua história, você morou um tempo com sua mãe. E quando seus pais se separaram você era muito pequenininha, você tinha 2 anos, né? Você se lembra daquele tempo?

Não.

Você morou 12 anos com sua mãe e agora você mora há 5 anos com seu pai e a M. O que mudou para você.: de quando você morava com sua mãe e agora que você mora com seu pai e a M. Mudou alguma regra de família, mudou alguma coisa?...

Ah, é diferente, são pessoas diferentes. Um pouco, é que eu morava com minha mãe, minha tia (irmã da avó materna, tia da mãe), e o “tio”, filho mais novo dessa tia da minha mãe. Meus pais já eram separados. Era tipo uma casa térrea, com quintal, grande.

Em São Paulo?

Não, em Santos. Em SP só morei um ano, quando tinha uns 10 anos. Depois da casa, fomos morar num apartamento de 2 quartos. O meu “tio” se casou. Mas depois ele se separou e voltou a morar com a gente. E fomos para um apartamento de 3 quartos, acho que eu tinha uns 8 ou 9 anos. Era grande e tinha uma cozinha enorme... um quarto para cada um. Depois fomos morar em S.Paulo, porque minha mãe foi transferida para o Fórum de lá. Aí, fui eu, minha mãe e uma amiga dela, que não é a mesma que mora com ela hoje. Eu tinha 11 anos, estava na 5ª. Série.

Você disse que era diferente, também. Por quê as pessoas eram outras?

É...eu era muito só.

Você é a única filha de sua mãe?

Sou...Mas é que agora tem mais gente, tem sempre gente em casa. Minha mãe trabalhava das 8 às 18 horas, desde há muito tempo, desde que eu me lembro, de que ia junto ao trabalho, ia almoçar com ela e a perua me pegava para ir prá escola. Ela trabalhava no Fórum de Santos. Em São Paulo, eu estudava de manhã. A perua que me pegava. Eu acordava cedo, umas 5 ou 6 horas, tomava banho, a perua me pegava e ia prá escola. Quando chegava, uma hora da tarde, ela (a mãe) já tinha ido trabalhar. Eu quase não via a minha mãe.

Você ficava com quem em casa, enquanto sua mãe trabalhava?

Sozinha. Almoçava na escola.

O que fazia?

Via TV e também não estudava muito.

Você se acha boa aluna?

É... mais ou menos...Quando fiquei de recuperação, a professora fez a soma errada. E no Colegial, todo mundo ficou de recuperação porque o professor de literatura mandou ler um livro chato e ninguém leu.

Você nunca repetiu de ano...?

Não. Eu não estudo, mas presto atenção nas aulas e faço a prova. Nunca tive “saco” prá ficar estudando, estudando...

Que escola você freqüentou?

Aqui... estudei no “Ieda”, na 7ª e 8ª. série. E no Colegial, no “Alpha”.

São religiosas?

Não. “É que em ambas o meu pai trabalhava.

Seu pai foi seu professor?

Foi, na 7ª. e 8ª., no “Ieda”.

Como era isso?

Ah,... “mó” chato...eu fiquei estudando um ano no “Alpha” sem ele estar trabalhando lá. E, uma amiga dele deu desconto porque era a dona da escola. Aí, quando ele

entrou, ele perguntou o que eu achava e, eu respondi que, se no entanto, ele não pegasse minha sala...sabe, ninguém tem nada com isso, mas é chato. E depois, se eu “bolasse” aula, também ninguém tinha nada com isso. Meu pai me dizia que o problema era meu. Ele nunca briga. Só dizia o seguinte: “você que não me venha com nota baixa”... “Você faz o que você acha”...Ele não pegava no pé, mas é que eu também não dava motivo.

Você se acha bem responsável?

Ah,...eu acho.

Seu pai acha?

Meu pai sempre me achou uma pessoa responsável. Ele até fala. Diz que eu tenho a cabeça no lugar. Ele, meu pai e minha mãe, sempre brigaram muito. Até hoje ainda brigam. Hoje bem menos, mas até quando vim morar com meu pai.

Então isso mudou na sua vida...

Ah...mudou. Tinham coisa de “picuinha”, minha mãe e ele.

Eles não aceitavam as mesmas regras?

Não, era mais porque minha mãe não queria que eu viesse para cá, ela sentia ciúmes...Aí eles brigavam muito. É como eu digo aos meus amigos: Vcs preferem o quê? Ter seus pais separados numa boa, ou juntos brigando? Aí, eles dizem: “Separados numa boa”. É, eu tenho os meus separados e brigando.

Mas agora eles estão “numa boa”?

Agora estão.

Então as coisas melhoraram, quando você veio morar aqui?

Como assim?

Eles diminuíram as brigas?

Ah,...não é só porque eu vim morar para cá, é também porque eu era mais velha, entende...Já tinha a minha cabeça própria, já pensava mais independentemente, não precisava mais tanto de minha mãe. Mais por causa disso.

Quem punha mais as regras, seu pai ou sua mãe?

Meu pai. É porque minha mãe não tava muito em casa, minha mãe ficava trabalhando e não ficava muito ao par das coisas. Então meu pai ficava preocupado. Mas a minha mãe, também punha regras porque eu vivia com ela.

Mas seus pais se preocupavam muito...

É, se preocupavam.

Parece que agora as coisas mudaram na sua vida, as brigas diminuíram.

É menos ruim.

Mas você acha mesmo que é melhor os pais viverem juntos, mesmo que brigando?

Não. Prefiro eles separados, “numa boa”.

Mas também separados brigando, também não...

Não! Tá louco!! Eles têm que viver do jeito que eles preferem, né?! Eu não tenho nada a ver com isso. Quem são casados, são eles. Só não quero que sobre para o meu lado.

E essas coisas, acontecem na família que vc vive agora?

Como assim?

Essas brigas, desentendimentos...Com relação a você, tem alguma coisa?

Às vezes, meu pai não me encobre muito. É porque é assim: normalmente, numa família casada, com filhos, sempre a mãe chega e encobre a filha, mais do que o pai. E, a M. Faz isso. Ela me encobre e tenta convencer meu pai de algum programa que eu quero fazer,,,.Por exemplo, agora que eu tirei a carta, ela me empresta o carro dela.

“Ela” confia bastante em você?

Confia.

E os irmãos?

Meu irmão, meu irmão mais velho, meu irmão,... eu brigo mais porque ele está naquela idade chata da adolescência, é “Xarope”. Mas a gente se dá bem. Bem melhor quando não tem ninguém em casa. Ele me respeita como irmã mais velha. E

também que nem quando a gente briga, um grita com o outro e já fica “numa boa”. Um fala logo o que está pensando e fica “numa boa”. E, se tem alguém em casa, falam: “Ah, para de gritar”... não sei mais o quê...aí, um fica bravo com o outro. Quando a gente está só em casa, logo resolve com o outro o problema e já tá de bem com o outro.

E com a “pequeninha”, a T., sua irmã?

Com a “pequeninha” me dou super bem por causa que ela não fala direito e não sabe responder...

E como é que vai ficar para você, quando dividir o quarto com *ela*?

Ela, acho que vai ficar “numa boa”.

Onde ela dorme então?

No quarto com meu pai e a M.

E com o seu irmão? Não?

Não, porque meu pai já tinha falado que quando o nenê nascesse, se fosse menino, ia dormir com o irmão. Se fosse menina, ia dormir comigo.

Vocês têm religião?

Católica não praticante. Meu pai, meu irmão e a minha madrasta são da “Messiânica”. Mas já foram mais católicos. Que nem, meu pai quando pequeno já foi “coroinha”. É que a mãe dele era muito católica. E agora entraram nessa religião por causa de um amigo. Por causa que o “Jurê” e a filosofia Messiânica era uma coisa legal, muito legal mesmo. Mas eles são cristãos.

São de formação católica.

É...não são praticantes em nada, de ir todo domingo na igreja. Eles fizeram o meu irmão fazer 1ª. comunhão, porque meu irmão pediu. Ele quis ir porque os amiguinhos também iam.

Como você os define?

Meio católicos, meio messiânicos.

E você?

Ah, eu...eu acredito em Deus, mas de ir em igreja, não. Porque não acredito nas coisas que o padre fala. Eu não concordo. Esse negócio de não aprovar muitas coisas científicas como o uso de “camisinha”, que sexo não é para o prazer, é só para a reprodução. Aí então o cara pega AIDS. Tá na hora de mudar, a sociedade não tá mais com essa cabeça de antigamente. Tá na hora de mudarem os seus conceitos. Tem muita coisa que eu não concordo. Como no caso dos padres homens. Acho que “puxaram muito a sardinha” para esse lado. Eu não concordo com muitas coisas...

Mas você tem princípios cristãos?

*Ah, tenho, né...Na hora do aperto, ai meu Deus do céu! Me ajuda!!...
Meu irmão reza, ele faz isso mais, porque desde pequeno ele foi acostumado a rezar antes de dormir. Minha mãe não é católica.*

Sua mãe é o quê?

Não é nada...não é praticante e nunca incentivou.

E seus avós, pais dela, têm religião?

É um pouco.

Os seus avós, todos são brasileiros?

Eu acho que meus avós por parte de mãe têm algo de espanhol e portugueses. Os meus avós paternos também. Eu acho que minha avó paterna é de espanhol e meu avô de portugueses. Da minha mãe não sei direito, mas acho que é por aí...espanhol e portugueses. Dos meus avós da M., acho que a minha avó é italiana e meu avô não sei. Deve ser italiano, eu não sei. Posso perguntar e depois te dizer.

E você acha que a sua família tem alguma tradição? De portugueses, italianos...

Minha avó por parte de madrasta, toda 5ª. feira tem massa (comida) na casa dela. Sempre tem massa. É o dia que sempre o pessoal vai comer lá. Mas acho que tradição mesmo...(faz que não sabe com gestos de mãos e ombros).

Aqui na sua família atual tem?

Acho que comer todo mundo junto na mesa, mas também “desaplicou” isso, por causa dos horários. Eu chego depois que todo mundo já almoçou, como por último. No fim de semana é que senta todo mundo junto na mesa.

Vocês comem com a TV ligada junto?

É, com a TV. Mas é a hora que todo mundo senta e conta alguma coisa que aconteceu.

É a hora que mais se conversa?

É...meu pai não gosta muito porque eu falo das coisas da Faculdade, dos laboratórios e meu pai acha nojento. Falo de morto e ele diz que não é hora de falar disso, de porcaria.

E existe uma hora certa para falar das coisas?

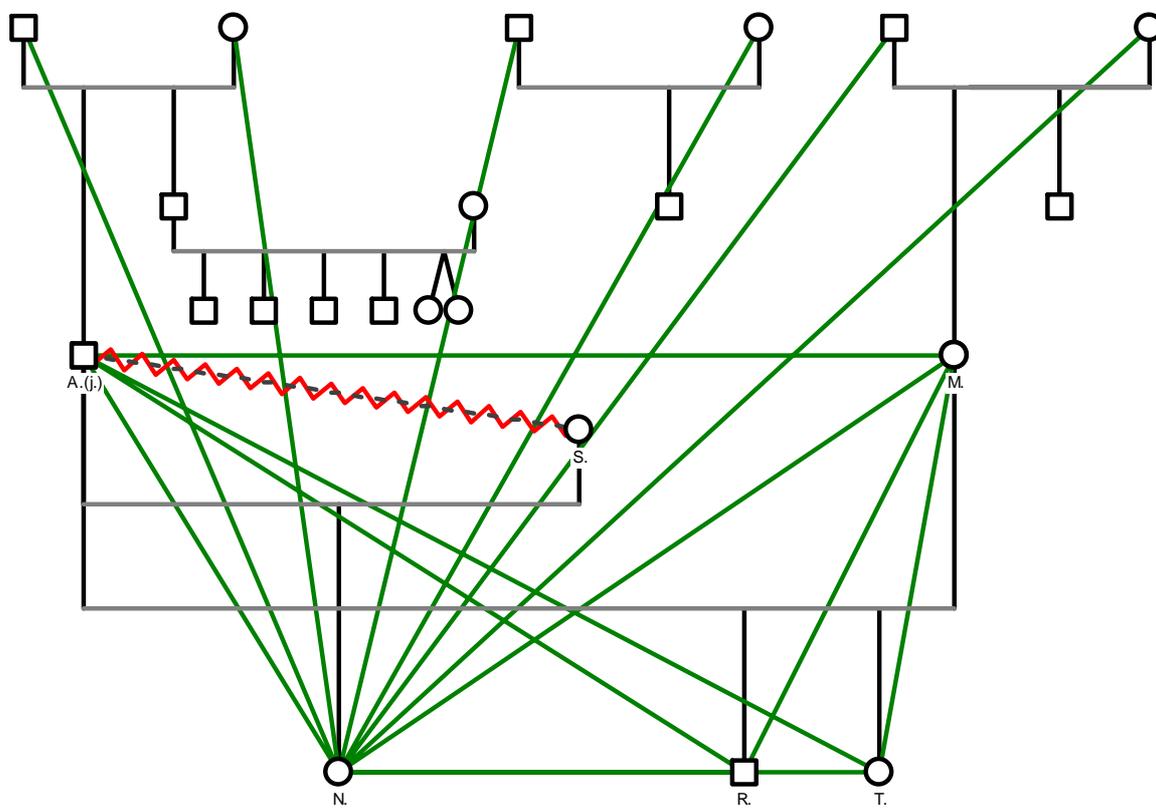
Ah...é a hora que dá, que ele não tá vendo TV ou não tá fazendo outra coisa.

OK !!! Acho que está bom. Se eu precisar de mais alguma informação, posso perguntar?

Claro!!! Mas vou levar esse genograma para eu completar e pedir mais informações com minha família.

Então tá, vou fazer uma cópia e vamos parar por aqui agora. Quero combinar com você que, o que conversamos, como já havia dito no começo da entrevista, eu vou preservar. Muito obrigada!!

GENOGRAMA DA FAMÍLIA DE N.



DATA DA 2ª. ENTREVISTA: 22/5/2003

NOME: A.M.P.

IDADE: 17 ANOS

ESCOLARIDADE: 2ª. SÉRIE DO 2º. GRAU

ESTRUTURA DA FAMÍLIA:

- **MÃE:** M., 47 ANOS, DO LAR .
- **PAI:** J., 42 ANOS, ANALISTA DE SISTEMAS.
- **“PADRASTO”:** (NOMEAÇÃO ATRIBUÍDA PELA ENTREVISTANDA), F., 40 ANOS, ADMINISTRADOR.
- **“MADRASTA”:** (NOMEAÇÃO ATRIBUÍDA PELA ENTREVISTANDA), I., ? (NÃO SABE INFORMAR A IDADE), COMERCIANTE.
- **IRMÃOS MATERNOS:** P., 25 ANOS E L., 22 ANOS .
- **IRMÃO PATERNO:** M., 9 ANOS.

Inicialmente, dentro do horário previsto para o nosso encontro, explico as nossas condições para essa entrevista, as regras, a finalidade e como iríamos desenvolvê-la em suas etapas. Peço para a entrevistada assinar o nosso Compromisso Livre e Esclarecido para proteção e cuidados éticos do conteúdo narrado. Nessas condições, prosseguimos com a história oral narrada e gravada.

OBS.: A entrevistanda não inclui muitas informações das esposas posteriores do pai e nem do 1º. casamento da mãe e de seu atual marido.

Quem você considera como sua família atual?

Minha mãe, meu padrasto, meus irmãos, meu pai e a mulher de agora de meu pai.

E a mãe de seu irmão por parte de pai, do segundo casamento de seu pai?

Meu irmão sim, mas ela,...não gosto de gente ignorante. Ah,...mais ou menos...ela é muito ignorante.

Com quem você convive hoje?

Por enquanto com minha avó. É que meu padrasto perdeu o emprego em São Paulo e foi ficar de gerente de uma pousada no litoral, em Maresias com minha mãe. A irmã dela e o marido dela já trabalhavam lá. Mas minha tia não deu muito certo nesse lugar e foi embora para São Sebastião. Minha mãe e meu padrasto tão

voltando. Acho que também não deu muito certo. Meu irmão, o L., já tá aqui. Ele estuda Jornalismo e está de estagiário não sei aonde. E o meu irmão mais velho tem emprego numa multinacional em São Paulo. Meu pai vem me ver na casa da minha avó, mãe dele, duas vezes por semana. Eu não quero ir morar lá, acho que não vou me acostumar. Eles moram em São Paulo.

Durante o tempo em que você estava com sua mãe e seu padrasto em S.Paulo, você convivia com seu pai?

Não.

Por quê?

Um pouco porque minha mãe não deixava e depois porque ele se casou, teve um filho. Aí esse casamento não deu certo e ele se casou logo depois de novo.

Quantos anos você tinha quando foi morar em S. Paulo?

Eu acho que uns 10 anos. Minha mãe já tava casada com F. há 5 anos. Hoje eles têm 12 anos de casados. Eu chorei muito, não queria ir, mas depois não queria voltar.

Como era então, sua vida antes de ir para S.Paulo?

Ah, era mais calma. Eu estudava numa escola com menos pessoas, uma escola católica. E, quando fui prá São Paulo, minha avó, porque era sempre minha avó, mãe do meu pai, que escolhia onde eu tinha que estudar e que sempre pegou no meu pé nos estudos, ela é "frenética", ela também escolheu lá, outra escola de irmãs (freiras). Só que a escola tinha muita gente e a vida de S.Paulo muito agitada. Eu estranhei um pouco. A escola era forte (ensino exigente) e eu não agüentava essa coisa de ter que estudar e minha avó sempre indo prá minha casa quando eu ficava de recuperação. Troquei de escola, uma escola "normal"(não religiosa). Ela me punha com professoras particulares e eu sempre achei um "saco", porque por mais que eu fazia , nunca era o suficiente. Até que eu "bombei" (foi reprovada) o 1º. ano do 2º. grau. No começo minhas amigas eram um pouco fechadas, mas depois fui me acostumando e hoje acho a vida de S.Paulo muito legal. Principalmente as "baladas" (danceterias). No ano que minha mãe foi prá Maresias, eu voltei para cá. Fiz o 1º. ano de novo e agora tô no 2º. ano.

E agora, como é a sua vida?

Ah, a escola é legal, é muito “irada” , tem gente mais comunicativa e mais descontraída. A escola é muito boa, apesar de ter gente rica e metida, sabe como é, né , tem que se fazer um “tipo”. Mas a escola pode me preparar para a Faculdade que tem lá mesmo ou prá outra, porque eu acho que quero fazer Hotelaria. Aqui posso ir à praia, “curtir” um sol, voltei a ter algumas antigas amizades e não preciso andar com a “neura” de ser assaltada. Também vou muito às “baladas”, apesar de todo mundo querer me controlar com horários, com quem eu ando, etc. Mas tenho as minhas liberdades.

O que você acha que mudou em sua vida?

Mudei muito de casa, de amigos e de escola. Quando eu tava me acostumando com um lugar, tinha que me mudar. Com relação à escola não mudou muita coisa com o negócio de estudar, é “perrengue”(chato). Mas mudei de escola, o pessoal é mais legal. Não sei bem o que eu quero fazer. Minha família, a do meu pai, acha que eu devo estudar alguma coisa mais séria como Direito, Medicina, que devo me esforçar mais para uma profissão. Minha mãe acha legal Hotelaria. Mas eu não quero ser empregada, quero ter meu próprio negócio, ser dona de minha própria pousada, de preferência em Búsios. Mas também, estudar física, química, trigonometria, não adianta nada, é uma “fadiga”. Eu nunca vou usar isso na vida. A gente vai mudando. Só que tem coisas que não.

Como assim?

Ah, ...é que a gente às vezes tem que ser muito a gente mesmo prá algumas coisas e prá outras a gente tem que ser meio “política”, sabe...Nem sempre a gente pode falar o que pensa, senão a gente descontenta alguém. E às vezes a gente precisa se agarrar em algumas idéias, para não se perder. Mas acho que eu fiquei mais aberta prá vida, diferente de meus pais. É “irado”.

E as regras de sua casa, como eram antes do casamento de sua mãe e como são agora?

Como assim ?

Por exemplo, quem manda, quais as rotinas, o que pode e o que não pode?

Ah, os dois mandam. Minha mãe fala dos horários da rotina de casa e meu padrasto também. Mas meu padrasto é mais exigente para eu voltar prá casa ou quando eu

tenho que usar menos o telefone. Sabe como é, né ? Ele diz que nunca teve filha mulher... acho que ele tem medo que alguma coisa possa acontecer, principalmente em São Paulo. Meu pai pega mais no pé por causa dos meus namorados. Minha mãe me pega mais no pé por causa do telefone, da Internet, a hora de dormir e que eu tô tendo notas baixas. Mas que eu também não tenho que ficar com a “bengala” de professores particulares, que eu tenho que me virar sozinha. Que foi assim que ela criou os meus irmãos e eles se deram bem.

E antes do casamento de sua mãe com o F.?

Não me lembro muito, eu era muito pequena. Mas as coisas eram muito pela cabeça da família do meu pai. E minha mãe ficava muito brava. Às vezes até não deixava eu ir lá.

E quando você precisa de mais atenção ou desabafar, quem você procura mais?

Prá desabafar, meus amigos. Mas quando a coisa tá séria mesmo, minha mãe, claro. Apesar da gente brigar muito, eu confio mais nela. Minha vó e meu pai também. Mas com meu pai é diferente, acho que é porque ele é homem e porque tô mais acostumada com minha mãe. Não, ele é legal como pai, ele é próximo, tenta fazer tudo prá me agradar, fala comigo às vezes como se fosse meu amigo e às vezes não, ele tenta ser autoridade. Ele é um pouco desligado e acho que ele acaba falando prá mulher dele ou minha avó me ajudarem. Meu pai acho que não tá acostumado a ser pai e às vezes exagera um pouco quando briga comigo também.

Quando você fica doente, quem cuida de você?

Geralmente minha mãe, mas a minha avó sempre está por perto. Ela é quem aconselha minha mãe em qual médico que eu devo ir. Mas minha mãe é quem cuida mais. Agora meu pai paga um convênio de saúde.

Quem é o “chefe” da sua casa? E quem era antes?

O meu padrasto, porque ele é quem sustenta a casa. Antes era meu pai. Depois que minha mãe se casou novamente, eu fiquei só com a pensão dele prá pagar a escola e minha mesada. Por enquanto tô morando com minha avó até o meio do ano, por enquanto lá é meu avô que manda.

Sua família tem algum costume, alguma tradição?

Humm... deixa eu ver...Bom, lá em casa, a gente almoçava junto nos domingos, comemora o Ano Novo com a família da minha mãe e o Natal , geralmente na noite com a família da minha mãe e o almoço com a família do meu pai. No Ano Novo é muito legal, a família da minha mãe é de muita festa. A mãe da minha mãe é um “barato”, uma “figura”. Na família do meu pai é diferente. Eles são mais sérios, mais tradicionais. Tenho uma bisavó de 93 anos, mãe do meu avô, e sempre se comemora o aniversário dela com festas em lugares chiques, em restaurantes caros, toda a família vai. Parece um pouco aquele filme “O casamento grego”, sabe? Eles têm gregos na família e árabes. Então a família do meu pai é meio assim. Da família da minha mãe eu não sei muito. Acho que tem portugueses.Só sei que há pouco tempo atrás, teve uma festa em Baurú, que foi as bodas de ouro, acho que de uma prima da minha avó, não sei direito. E foi todo mundo, tinha gente que eu nunca vi na vida.

E vocês, têm religião?

Meus avós por parte de pai são católicos. Nossa, são “frenéticos”. Minha avó vive rezando prá todo mundo e ela e meu avô vão sempre na missa, mesmo que estejam numa outra cidade, eles dão um jeito de irem à missa no sábado ou no domingo, senão nos dois dias. (ri muito). Eu não gosto de padres, nem de irmãs. Fui batizada na igreja dos meus avós, que é católica, só que meio diferente, fui crismada junto. Mas tenho lá a minha fé, porque tudo que eu quero, eu consigo. Minha mãe também é católica e meio espírita. Meu padrasto não é nada.

Bem, A., penso que por enquanto vamos ficar por aqui na nossa entrevista.

Ah, mas eu não fiz tudo (Genograma) e eu queria saber da família da minha mãe. Ela deve saber muita coisa.

Então você quer uma cópia de seu Genograma?

Quero, depois vou tentar fazer junto com minha mãe.

Está bem. Por enquanto, muito obrigada por sua participação.

Tá legal !

DATA DA 3ª. ENTREVISTA: 24/08/2005.

NOME: S. M. F.

IDADE: 17 ANOS.

ESCOLARIDADE: 1º. ANO UNIVERSITÁRIO (PSICOLOGIA).

ESTRUTURA DA FAMÍLIA:

- **MÃE:** D., 40 ANOS, APOSENTADA POR INVALIDEZ (BIPOLAR), DO LAR, VOLUNTÁRIA EM HOSPITAL.

- **PAI:** A., 57 ANOS, FAZENDEIRO.

- **PADRASTO:** D., 45 ANOS, INDUSTRIÁRIO.

- **IRMÃ MATERNA:** G., 20 ANOS, ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA (ODONTOLOGIA).

- **IRMÃOS PTERNOS:** A., 28 ANOS, DO SEXO FEMININO; L., 26 ANOS; DO SEXO MASCULINO; M., 25, DO SEXO MASCULINO. (POUCO CONVÍVIO).

- **FILHAS DO PADRASTO:** C., 14 ANOS; I., 8ANOS. (CONTATO A CADA15 DIAS).

Inicialmente, dentro do horário previsto para o nosso encontro, explico as nossas condições para essa entrevista, as regras, a finalidade e como iríamos desenvolvê-la em suas etapas. Peço para a entrevistada assinar o nosso Compromisso Livre e Esclarecido para proteção e cuidados éticos do conteúdo narrado. Nessas condições, prosseguimos com a história oral narrada e gravada.

A experiência dessa entrevista poderá contribuir para você, se quiser, em sua formação de psicóloga, como modalidade de entrevista, já que você está freqüentando o curso.

Bem, o que eu pretendo conhecer aqui com você, é como se desenvolveu a sua história familiar, desde a geração de seus avós até os dias de hoje. E, como eu já lhe expliquei anteriormente, com essa pesquisa eu pretendo conhecer como tema é: "Recasamento e filhos adolescentes: um estilo de vida em negociação".

Suponho que numa situação dessas, você possa estar contribuindo com a sua vivência em família, não é?!

Talvez sim.

Então, depois de suas informações aqui com o “Genograma”, eu gostaria que você me contasse como eram as rotinas de sua casa, de seus pais, de sua irmã e de quem convivia com vocês antes de virem para Santos.

Quando eu nasci, meus pais já tinham sido casados anteriormente. Meu pai já tinha três filhos: uma menina mais velha e dois meninos. Agora ele tem mais uma filhinha de 3 anos, filha de seu terceiro “casamento”(as aspas foram gesticuladas pela entrevistada), não sei, e também não sei o nome dela. Bom, da parte da minha mãe, eu tenho uma irmã mais velha que nasceu de um namoro de minha mãe com o pai de G. Eu convivi com o meu pai até os 5 anos. Ele trabalhava, a minha mãe não trabalhava. Era tranqüilo, assim, quase não tinha brigas, porque com uma criança de 5 anos, até tudo bem. A minha irmã tinha 8, e até os 8 anos com uma criança é meio tranqüilo. A gente, eu e ela, brigava um pouco e aí meu pai apartava a gente e era assim. A gente morava numa cidade pequena, em Ipeaú, região de Ilhéus, na Bahia. A gente vivia numa fazenda. Eu lembro que comecei ir à escola com 5 anos. A escola era próxima, porque a cidade era próxima. Meu pai trabalhava com gado da fazenda e minha mãe ficava em casa. A vida era sossegada. A gente via pegar leite e coisa assim. Em casa a minha mãe controlava os horários.

E nos finais de semana, como era o convívio da família, com seus avós maternos, por exemplo, pois você me disse durante o Genograma que era muito apegada a eles, né?!

Ah, tinha o almoço de domingo que era mais com a família da minha mãe, com a do meu pai não. A família do meu pai era mais distante. Só em dias de festas que a gente os via mais. Meus avós paternos e maternos eram compadres e comadres. As famílias já se conheciam há muitos anos e por isso iam nas mesmas festas.

E o quê mais vocês faziam aos domingos, por exemplo?

A gente ia à missa. Minha mãe é católica, mas nem sempre era por isso. Era porque era costume das pessoas na cidade pequena. Depois da missa a gente ia na praça. Era bem isso. Tudo era na casa da minha avó, da mãe da minha mãe, ela cozinhava muito bem.

E a rotina com a escola?

Bom, eu fiz o Jardim na mesma escola que a minha irmã. Tinha uma pessoa que levava a gente para a escola, a babá. A escola era bem perto da fazenda, porque a fazenda ficava perto da cidade, numa parte bem central. E a minha irmã estava na 2ª. Série, ela tinha 8 anos. No intervalo a gente ficava sempre juntas. Ela era a mais velha, então era mais interessante ficar com ela. Minha mãe é quem acompanhava a gente com lição e tudo.

E o convívio com seus irmãos por parte de pai?

Então, era difícil. A gente se falava, mas pouco, porque meu pai se separou da mãe deles para ficar com minha mãe. Era difícil porque a mãe deles sempre falava alguma coisa para a gente não se ver. Sempre ficou aquela coisa assim. Com minha mãe, tudo bem, mas com a mãe deles era difícil. Ela não deixava muito a gente se ver. Eles quase não falavam comigo. Até hoje, eles cresceram, eles têm educação, daí a gente conversa, mas não tem vínculo. É estranho, né?! É bem assim: o que você está fazendo? É assim, formal.

E em casa, quem cuidava de você e de sua irmã?

A babá. Tinha também quem ajudava a minha mãe e às vezes era a minha avó, mãe da minha mãe, porque ela morava perto. E tinha aquela coisa de cuidar, de querer ficar junto.

Como eram as regras, quem estabelecia as regras da casa?

Como meu pai não ficava em casa, então era a minha mãe. Minha mãe sempre foi daquelas mulheres que manda nas coisas. E quando ela quer ajuda tem que ser do jeito dela, sempre foi assim. Sempre foi a minha mãe a referência.

Quem educava?

Era ela (mãe). Ela dava pancada mesmo, quando a gente aprontava. Castigo não funcionava. E aí a gente ficava quieta. Meu pai participava pouco disso. Pelo menos comigo. Com minha irmã então, ele não se sentia no direito. Não me lembro dessas coisas com meu pai. Eu era muito pequena. Alas, com meu pai tenho pouquíssimas lembranças. Ele estava sempre fora, trabalhando.

Alguém mais participava da educação de vocês?

A minha avó que estava sempre por perto, mas sabe como é, né?!... Vó e Vô, não faz nada. Só protege a gente e aí não adiantava nada. Meu avô era bonzinho também. Por isso que era a minha mãe que tinha que educar. Minha mãe não estudou quando nova. Ela se casou e só foi estudar agora, terminou o Colegial. É que no interior é assim.

E como foi mudar para cá?

Foi difícil. Eu tinha 9 anos. A gente veio para cá depois da separação dos meus pais, em 97. Foi por causa de umas primas da minha mãe que a gente veio, porque elas diziam que aqui a gente tinha mais chance na vida. No começo foi difícil, tudo diferente, a escola, os amigos. Sentia falta da minha avó. Daí a gente foi se acostumando com tudo diferente. Eu já estava com 9 anos. Já não tinha mais a minha avó. Minha mãe veio para cá e começou a trabalhar e aí conheceu o meu padrasto, ele também trabalhava com minha mãe. Eu ficava muito com minha irmã em casa,

O que você sabe da separação de seus pais?

Ah, é quase parecido com o que ele fez com a primeira mulher dele. Ele arranhou outra e minha mãe ficou sabendo. Meu pai já teve três relacionamentos com filhos. E, agora ele já se separou de novo e acho que está com uma moça da idade da minha irmã, 20 anos. Não sei muito mais coisas...

E quando você tem um segredo, para quem você conta?

Ah,...Prá minha irmã. E ela pra mim.

Com quem você podia contar como segurança e intimidade?

Com minha avó. Ela era muito de ficar em casa, dormir lá em casa, ou a gente ir para a casa dela, para dormir com a avó.. Minha mãe era muito nova, muito inexperiente. Quando eu nasci minha mãe tinha 22 anos. E minha irmã quando nasceu, ela (a mãe) tinha 19. E na cidade do interior é assim. Por isso era assim. Quando fui crescendo era total minha irmã. Até porque a gente veio para cá. A gente veio praticamente sem família, para cá.

E atualmente como são as regras, quem as estabelece?

A minha mãe (ri bastante). Mas, é como a gente já é grande, as coisas também ficaram mais fáceis. E o meu padrasto fica na dele. Mas se ele fica bravo com

alguma coisa, ele vai lá e fala para a minha mãe. E a minha mãe fala pra a gente. Comigo, a coisa é mais sossegada, mas com minha irmã, ela é bem adolescente mesmo, é mais difícil. Eles, meu padrasto e minha irmã já brigaram feio e hoje eles nem se falam. Não se falam mesmo! Nem “oi”! Faz uns dois anos. Eles pensam diferente. Minha irmã é mais ciumenta, ela se mete na vida deles (padrasto e mãe). E aí ele se mete na vida da gente. É que eu não ligo e ela (irmã) reage, é mais rebelde. É mais complicado. Meu padrasto acaba atendendo às regras da minha mãe.

E quem mantém a família?

Bom, meu padrasto. Mas minha mãe recebe o salário dela, ela é aposentada por invalidez, por depressão, síndrome bipolar. Eu recebo a pensão do meu pai. Minha irmã recebe pensão do pai dela. Meu padrasto não sustenta total. Ele cuida da casa em geral, mas a Faculdade da minha irmã é o pai dela que dá. A minha Faculdade vem do meu pai. E se a gente precisa comprar alguma coisa é com minha mãe. A gente encontrou um jeito de viver assim, senão...A gente divide tudo.

Pense comigo e veja se eu entendi: o seu pai trabalhava fora de casa, como o sue avô, pai da sua mãe. Eles eram quem mantinham a família, cada um a sua. Sua mãe ficava com a tarefa de educar, como a sua avó, mãe dela, que também a ajudava a cuidar de vocês, além das ajudantes de casa e da babá.

Era.

O que mais preocupa na família hoje?

É eu e minha irmã. Ela não convive com o pai dela e eu não convivo com o meu. Eu acho que é mais preocupante, porque de resto, assim, é mais a situação da minha irmã com meu padrasto, porque...Assim, quando vem as filhas dele para casa, de quinze em quinze dias, elas dormem no quarto da gente, mas assim, é super natural, todo mundo se fala.

Qual a maior esperança da sua família de hoje, no seu ponto de vista?

É que dê tudo certo, um dia após o outro. Que a gente se case, que dê certo, que dê certo para a minha mãe também, o casamento dela, a vida dela, a de todo mundo.

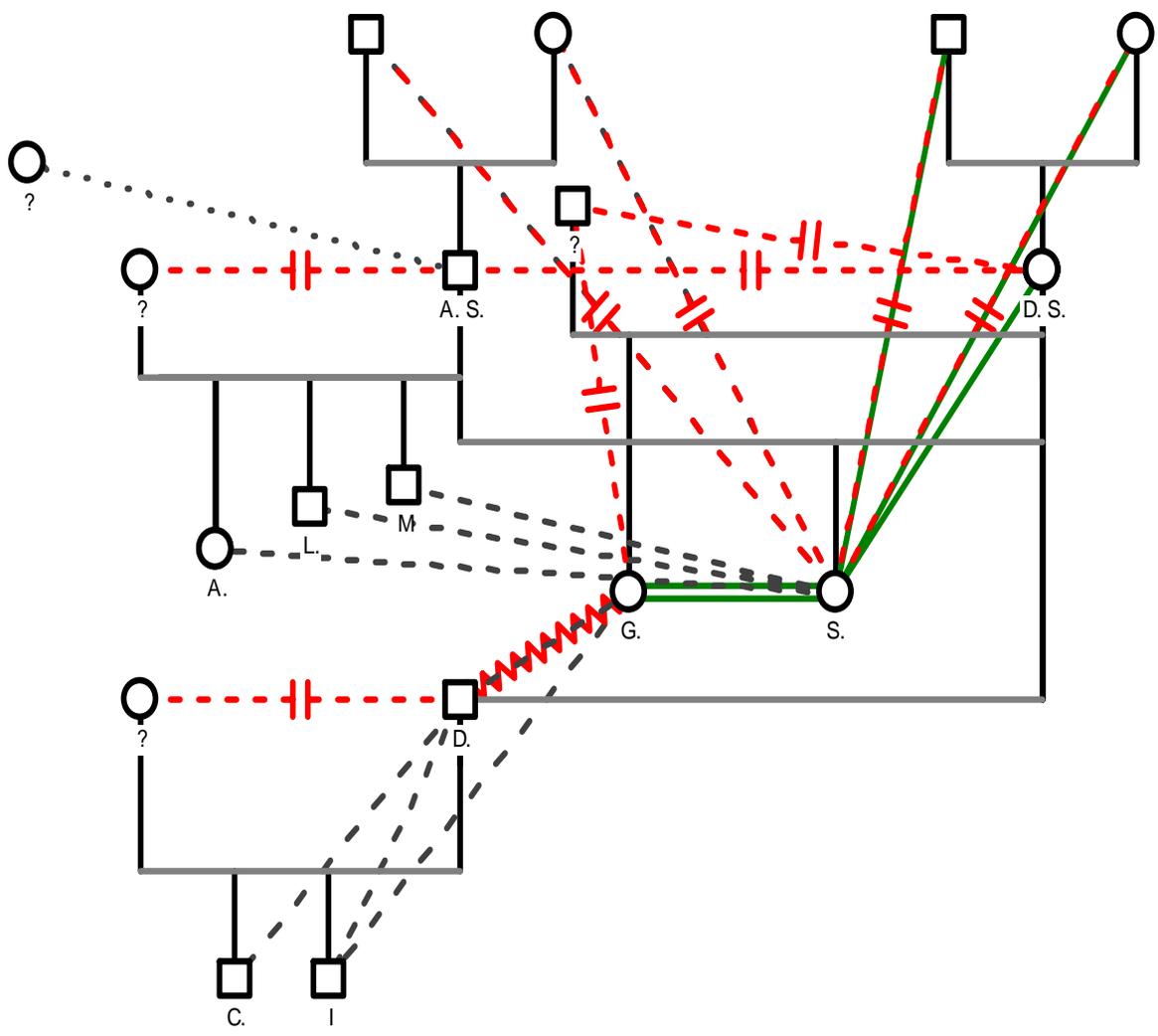
Bem, S., estamos terminando. Eu gostaria de saber como que você essa experiência da entrevista?

Achei que ia ser mais complicado porque eu não tenho uma família comum. Mas, foi tranquilo. Falar de pai fica um pouco estranho, é distante. Família que eu conto mesmo é eu, minha mãe e minha irmã. Não me senti constrangida em nada. Mas foi legal ir lembrando e tudo que foi mudando. A gente não pára pra pensar. Nem tudo vai ser sempre como a gente quer. Eu aprendi isso desde cedo. Porque eu tenho amigas que os pais se separaram agora, elas têm 16,18 anos e falam que o mundo delas caiu. Comigo não foi bem assim. Eu fui me acostumando com as mudanças que às vezes eram difíceis, como ficou sem minha avó. Mas tudo vai mudando. As coisas não são perfeitas. Eu aprendi cedo isso, a não esperar muito. Assim as coisas ficam mais naturais.

Ok, já foi o suficiente. E, quero lhe agradecer muito pela sua colaboração. Quando eu terminar de transcrever a sua entrevista, vou passar a limpo o genograma e vou lhe dar uma cópia dele, conforme combinamos, tá?!

Tá combinado. Eu aprendi bastante!

GENOGRAMA DA FAMÍLIA DE S.



TÉRMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
R.G. _____, declaro ter sido sufucientemente informado(a)
sobre os objetivos da pesquisa referente ao tema: "**Recasamento e filhos
adolescentes: um estilo de vida em negociação**", dissertação necessária à
formação de Mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós –Graduação do
Núcleo de Famíkiia e Comunidade da PUC-SP, sob a responsabilidade da psicóloga
Christina Manço Cury, C.R.P.: 06/11493-2, tendo sido informado(a) das condições
de sigilo e anonimato à ética em pesquisa e ao código de ética do psicólogo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)